



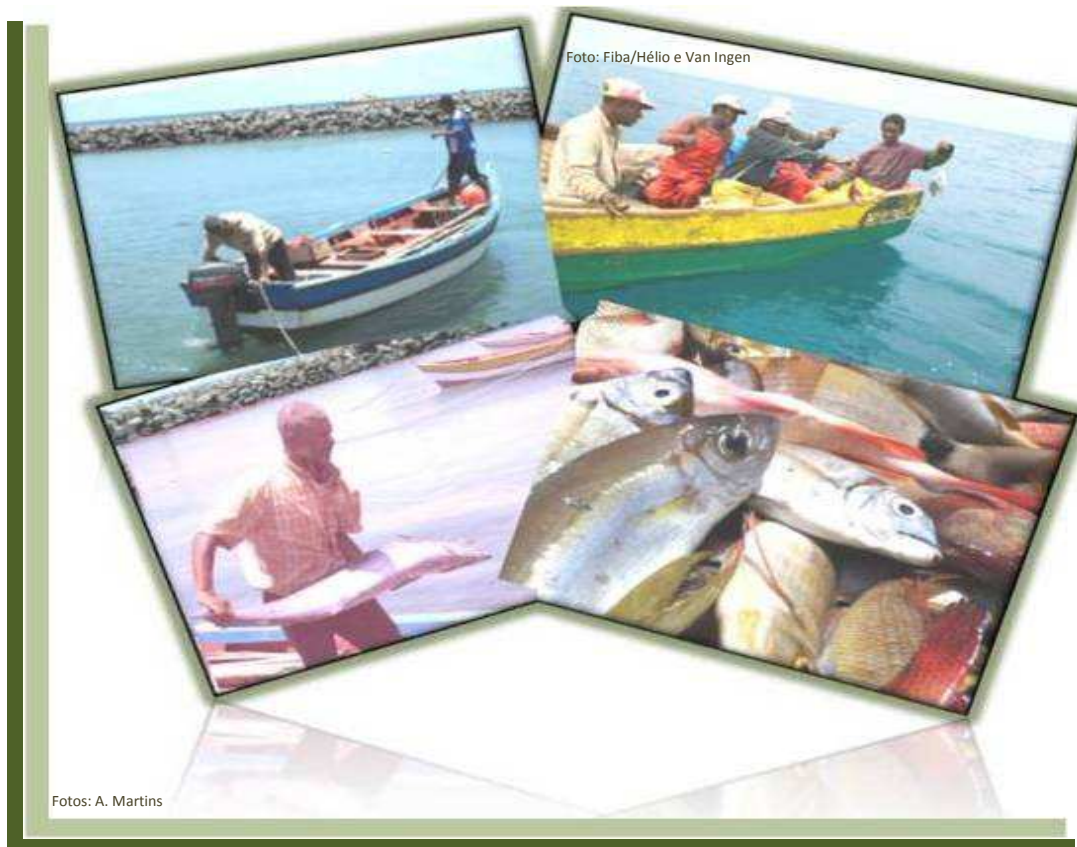
enda sahel et afrique de l'ouest
groupes recherche action formation (enda graf sahel)



PROJECTO DE PESQUISA - ACÇÃO
ADAPTAÇÃO DAS POLÍTICAS DE PESCA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA
ÁFRICA OCIDENTAL

APPECCAO/ CABO VERDE

**ANÁLISE DOS SABERES ENDÓGENOS DA PESCA ARTESANAL E AS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS**



MAIO, 2011



enda sahel et afrique de l'ouest
groupes recherche action formation (enda graf sahel)



PROJECTO DE PESQUISA – ACÇÃO

ADAPTAÇÃO DAS POLÍTICAS DE PESCA ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA
ÁFRICA OCIDENTAL

APPECCAO/ CABO VERDE

**ANÁLISE DOS SABERES ENDÓGENOS DA PESCA
ARTESANAL E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

Mindelo, Maio de 2011

APPECCAO/ CABO VERDE

**ANÁLISE DOS SABERES ENDÓGENOS DA PESCA ARTESANAL E AS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

Consultor



Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas

Preparado pela Equipa Técnica:

Alcides Varela – Gestor – INDP

Armelinda Delgado – Administradora – INDP

Elisia Cruz – Socióloga – INDP

Hilda Carvalho – Tecnóloga de Pescado – INDP

Maria Auxilia Correia – Economista – INDP

Osvaldina Duarte – Economista – INDP (Coordenadora Nacional)

Sandra Correia – Bióloga – INDP

Mindelo, Maio de 2011

INDP (sede)

C.p. 132 Mindelo - S.Vicente, Cabo Verde

Telef. (+238) 232 1370/1373/1374

Fax. (+238) 232 1616/1370

Email www.indp.cv

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os técnicos do INDP, pelos valiosos comentários e sugestões e pela colaboração prestada através do fornecimento de dados e outras informações.

Aos operadores, instituições, autoridades centrais e locais, o nosso agradecimento pelas valiosas contribuições durante as entrevistas e reuniões realizadas.

Um especial agradecimento aos membros das comunidades piscatórias, que contribuíram para a realização deste estudo, especialmente aos actores da pesca artesanal dos sítios de pesquisa de São Pedro, Palmeira e Rincão.

A todos aqueles que directamente e indirectamente contribuíram para a realização deste estudo um especial obrigado.

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise dos saberes endógenos da pesca artesanal e as mudanças climáticas em Cabo Verde, enquadrado no projecto de adaptação das políticas de pesca às mudanças climáticas na África Ocidental (APPECCAO). O intuito é de identificar e compreender os saberes tradicionais dos pescadores na prática da actividade pesqueira e analisar as percepções que eles têm dos problemas causados pela influência das alterações climáticas na pesca. Constituindo, contributo para elaboração de políticas direccionadas à adaptação das práticas da pesca às alterações climáticas. Pois, os modelos do painel intergovernamental prevêem para a região do Atlântico Tropical Oriental aumento nas temperaturas médias, diminuição da humidade e precipitação, e ainda um aumento do nível do mar. Com estas projecções torna-se imprescindível este estudo de saberes endógenos, para um melhor planeamento e adaptação as possíveis alterações ambientais causadas pelas mudanças climáticas e desenvolver políticas coerentes sustentáveis de uso dos recursos.

Palavras-chave: saberes endógenos, pesca artesanal

ABSTRACT

The present work analyses the endogenous and local knowledge of artisanal fishermen in Cape Verde with regards to climate change, using as framework the APPECCAO, which is the project for the adaptation of fisheries politics towards climate change effects. Main goal is to analyze and gather local knowledge of fisherman and fisheries communities and the perception they have about future climate change impacts, to address policies change. In fact international and intergovernmental panels predict several climate change impact as sea temperature raise, humidity diminution and sealevel raise, all of them to cause significant impact in fisheries communities and fisherman activity. Considering these impacts, it is crucial to gather local knowledge and use it to plan and adapt fisheries policies to face climate change impacts and help develop coherent and sustainable use of marine resources.

Key-Words: local and indigenous knowledge, artisanal fisheries

Índice

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ENQUADRAMENTO	11
3. OBJECTIVOS	13
4. METODOLOGIA.....	14
4.1 Caracterização e Construção da Amostra.....	15
4.2 Descrição da Área de Estudo.....	16
4.2.1 Comunidade Piscatória de São Pedro.....	17
4.2.2 Comunidade Piscatória de Palmeira.....	19
4.2.3 Comunidade Piscatória de Rincão	20
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	21
5.1 Caracterização da Actividade da Pesca Artesanal.....	21
5.1.1 Actividade da Pesca Artesanal.....	21
5.1.2 Perfil e Caracterização dos Actores da Pesca Artesanal em Estudo.....	25
5.2 As Práticas e os Saberes Endógenos da Pesca Artesanal	30
5.2.1 A Escolha da Profissão na Pesca Artesanal.....	30
5.2.2 A Faina de Pesca	34
5.2.3 Embarcações e Técnicas de Pesca	35
5.2.4 O Conhecimento das Áreas de Pesca	40
5.2.5 Conhecimento das Espécies	44
5.2.6 Conhecimento de Parâmetros Climáticos	48
5.2.7 Os Mitos e Rituais na Pesca Artesanal.....	52
5.2.8 Percepção das Mudanças Climáticas.....	55
6. CONCLUSÕES	60
7. RECOMENDAÇÕES.....	64
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
9. ANEXOS	68
A - Guião de entrevista.....	68
B - Questionários Práticas de Pesca	69
C – Questionário Dirigido as Vendedoras de Peixe	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arquipélago de Cabo Verde.....	16
Figura 2 – Comunidade piscatória São Pedro, Ilha de São Vicente.....	18
Figura 3 – Comunidade piscatória de Palmeira, Ilha do Sal.....	19
Figura 4 – Comunidade piscatória de Rincão, Ilha de Santiago.....	20
Figura 5 – Arrasto de um bote e uma rede de praia, com adultos e crianças.....	30
Figura 6 – Bote com motor fora de borda. Botes com as três as cores em paralelo	36
Figura 7 – Bote de boca aberta da pesca artesanal, utilizado nos sítios de pesquisa, Cabo Verde.....	37
Figura 8 – Pescadores em suas actividades de pesca com a linha de mão (linha mono-filamento) ...	38
Figura 9 – Preparação de uma rede de cerco de 2.5 cm de malha estendida (multi-filamento)	39
Figura 10 – Diversidade de espécies de demersais capturadas durante uma faina de pesca.....	45
Figura 11 – Praia praticamente sem areia devido extracção em Rincão, ilha de Santiago Cabo Verde.	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cruzamento dos sexos com os sítios de pesquisa.....	14
Tabela 2 – Cruzamento da idade dos pescadores com os sítios de pesquisa	26
Tabela 3 – Cruzamento da idade das vendedoras de pescado com os sítios pesquisa.....	27
Tabela 4 – Cruzamento agregado familiar com os sítios pesquisa.....	28
Tabela 5 – Cruzamento das variáveis motivo escolha da profissão com os sítios pesquisa	32
Tabela 6 – Cruzamento das variáveis motivo escolha da profissão das vendedoras pescado com os sítios pesquisa	33
Tabela 7 – Cruzamento sitio pesquisa com tipo propulsão das embarcações.....	37
Tabela 8 – Cruzamento dos sítios pesquisa com os tipos de engenhos de pesca.....	39
Tabela 9 – Cruzamento da percepção da existência de peixes na zona pesca com os sítios.....	41
Tabela 10 – zonas de pesca mais frequentadas nos sítios de pesquisa	42
Tabela 11 – Espécies mais capturadas nos sítios de pesquisa.....	47
Tabela 12 – Métodos previsão/ estado do tempo	52
Tabela 13 – Cruzamento das variáveis reza / ritual antes da pescaria com os sítios pesquisa.....	54
Tabela 14 – Cruzamento das espécies peixe/ave simbólico com os sítios de pesquisa.....	55

SIGLAS E ABREVIATURAS

ACCA	Programa de Adaptação às Alterações Climáticas em África
AMPR	Associação de Mulheres Peixeiras de Rincão
ANPSP	Associação de Novos Pescadores De São Pedro
APPECAO	Projecto de Adaptação das Políticas de Pescas às Mudanças Climáticas em África Ocidental
APPS	Associação dos Pescadores de Palmeira Sal
CLDP	Comité local de Diálogo Político
CSR	Comissão Sub-Regional das Pescas
DCP	Dispositivo de Concentração de Peixe
EBI	Ensino Básico Integrado
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
IDRC	Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Internacional
IMP	Instituto Marítimo Portuário
INDP	Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas
INDP	Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas
IPCC	Painel Intergovernamental sobre as mudanças climáticas
OMM	Organização Meteorológica Mundial
PGRP	Plano de Gestão dos Recursos da Pesca
REPAO	Rede sobre a Política das Pescas na África Ocidental
ZEE	Zona Económica Exclusiva

1. INTRODUÇÃO

A história tem demonstrado que o processo de desenvolvimento económico e a garantia do bem-estar global das sociedades humanas esteve sempre assente numa dependência directa entre o homem e a natureza.

O homem como um ser social, a sua relação com a natureza se dá através do modo de vida que leva e, particularmente, para os homens e mulheres do mar, esta exprime por uma grande dependência do meio ambiente que o cerca e sujeito das boas condições deste para a sobrevivência em sua actividade profissional. Eles vêem o mar como um factor de produção e os produtos como objecto das suas actividades. Em torno das suas actividades criam-se um leque de saberes empíricos resultantes de percepções causais elaboradas sem controlo no processo de observação.

Assim sendo, pode-se dizer que a actividade da pesca artesanal realiza, sobretudo, pela conservação dos saberes culturalmente enraizados e fundamentais à prática da actividade pesqueira, sem os quais o ritual das fainas se tornaria uma tarefa impraticável. Esses saberes são vistos como insuficientes e muitas vezes desvalorizados pela comunidade científica e pela sociedade em geral, talvez por estarem localizados, na parte mais baixa da “árvore do saber” ou relacionado à formação que os pescadores possuem.

Ao contrário dessa filosofia, o projecto APPECCAO busca valorizar esses conhecimentos, conjugando-lhes com os saberes científicos, de modo que as recomendações aos decisores políticos ligados às pescas tenham sido feitas com base numa participação activa e conjunta.

É neste contexto que surge o presente estudo que aborda, principalmente, a percepção que os pescadores dos sítios de pesquisa-acção, nomeadamente Palmeira na ilha do Sal, São Pedro na ilha de São Vicente e Rincão na ilha de Santiago, têm das actividades das pescas e das mudanças climáticas.

2. ENQUADRAMENTO

Em Cabo Verde, assim como em vários outros países da África Ocidental, o sector das pescas é tido como uma actividade multifuncional de grande importância económica, social e ambiental, contribuindo para o equilíbrio da balança de pagamentos e do orçamento dos Estados dos países costeiros da sub-região e, ainda, na segurança alimentar das populações. O sector das pescas é, também, uma importante fonte de rendimento e tem um papel fundamental na redução do desemprego na África Ocidental.

Todos os sectores ligados à pesca em particular, e a economia no geral, bem como, as classes sociais são afectados pelas modificações climáticas e utilização dos recursos naturais ao longo dos anos. A necessidade de procurar um desenvolvimento sustentável torna-se imprescindível nos dias de hoje, para que se possa recuperar e/ou conservar a biodiversidade existente. E tudo isso é tarefa do homem para que ele possa viver em harmonia.

Evidentemente, os recursos pesqueiros serão afectados por alterações induzidas pela mudança climática (IPCC, 2007), manifestada na perda de importantes habitats costeiros para o eco-biologia das espécies, no aumento da temperatura, na redução da produtividade, entre outros.

É importante para o futuro, ter em conta as possíveis alterações ambientais causadas pelas mudanças climáticas e desenvolver políticas coerentes sustentáveis de uso dos recursos. Estas questões vêm sendo discutidas desde 1979, data da primeira conferência climática organizada pela Organização Meteorológica Mundial (OMM).

As projecções climáticas para Cabo Verde, de forma muito geral, apontam para um futuro mais quente e seco. Dependendo dos modelos do Painel Intergovernamental sobre as alterações climáticas, prevêem-se um aumento nas temperaturas médias de até 2,5 °C para a região do Atlântico tropical oriental, e uma diminuição da humidade e precipitação de 5-10% por ano. E ainda, prevêem-se que o aumento do nível do mar pode atingir entre 0,13 e 1,4 m, até ao fim deste século. Há previsões de que os seus impactos venham impedir o

desenvolvimento de Cabo Verde, conseqüentemente, provocando um desvio dos objectivos estratégicos do país, de evoluir no sentido da auto-suficiência em termos de alimentos e energia. Por outro lado, através de medidas adequadas de adaptação e estratégias resistentes às mudanças climáticas, esses impactos podem ser reduzidos.

De referir que a nível nacional, ainda não existe conhecimento, dados e informações suficientes que permitam integrar de forma objectiva os desafios impostos pelas mudanças climáticas no sistema de planeamento, por ser necessários processos longos e custosos de recolha, sistematização, tratamento e análise de informações, que comportam vários parâmetros para fazer projecções consistentes. São preocupações que estão na agenda dos governantes e instituições que de uma forma ou de outra têm responsabilidade na matéria. Têm procurado monitorar os fenómenos climáticos através das oportunidades surgidas no quadro de cooperações bilaterais e multilaterais a fim de mobilizar recursos e experiências para mais conhecimentos.

Neste contexto, a REPAO (Rede sobre a política das pescas na África Ocidental), com o apoio do IDRC (Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento Internacional), iniciou um programa de adaptação às alterações climáticas em África (ACCA) baseado na pesquisa-acção para melhorar os conhecimentos científicos e locais, sobre o impacto das alterações climáticas no sector das pescas, bem como analisar e propor mecanismos de adaptação a nível local, nacional e sub-regional.

Assim, surge o Projecto de Adaptação das Políticas de Pescas às Mudanças Climáticas em África Ocidental (APPECCAO) com duração de 3 anos (Abril de 2008-Junho de 2011). O objecto global é estudar de forma participativa os impactos das alterações climáticas nas pescas e facilitar diálogos políticos locais, nacionais e sub-regionais. Ainda, ajudar a melhorar as práticas e políticas das pescas, adaptando-as às mudanças climáticas com apoio do saber científico e endógeno.

O projecto abrange os sete (7) países da Comissão Sub-Regional das Pescas – CSRP (Cabo Verde, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Senegal, Serra Leoa e Mauritânia), mas os estudos de pesquisa acção são realizados apenas em Cabo Verde, Guiné e Senegal e os resultados serão

extrapolados para os outros países. A selecção dos países foi com base em critérios previamente determinados.

No caso de Cabo Verde a sua escolha baseou essencialmente na sua posição de insularidade, que expõe as zonas costeiras aos riscos relacionados com elevação dos níveis das águas do mar, o aumento da salinidade dos solos, a fragilidade da biodiversidade, aos problemas crónicos de acesso à água potável, aos períodos de secas prolongadas e as inundações. Visto que cerca de 80% da população cabo-verdiana está concentrada nas áreas costeiras, qualquer que seja as mudanças ambientais afectarão a sustentabilidade a nível económico, humano, especialmente, a pesca e a economia marítima.

A nível nacional, através de uma equipa pluridisciplinar, o Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas tem a responsabilidade de materializar as actividades concernentes ao projecto APPECCAO.

Para implementação do projecto, no âmbito local, foi escolhido três sítios para as acções de investigação, a saber: a comunidade de São Pedro na ilha de São Vicente, a comunidade de Palmeira na ilha do Sal e a comunidade de Rincão na ilha de Santiago. Os sítios foram escolhidos segundo critérios predefinidos: o nível de organização, a vulnerabilidade e a importância da pesca. Em cada sítio foi constituído um comité (comité local de dialogo político – CLDP) que, além de facilitar o diálogo político entre a comunidade e os decisores, também, facilita no reconhecimento e valorização das práticas, das políticas e dos saberes tradicionais das comunidades piscatórias.

3. OBJECTIVOS

O presente trabalho tem como objectivo principal identificar e compreender os conhecimentos tradicionais dos pescadores sobre a actividade da pesca e sobre as mudanças climáticas, apoiando na ideia de que a prática da pesca não significa apenas ciência, mas também práticas sociais, feitas de comportamentos, técnicas e conhecimentos muito úteis para o complemento do trabalho científico.

Assim sendo, pretende-se avaliar a maneira como os pescadores artesanais se relacionam com o meio ambiente marinho para, em seguida, analisar as percepções que eles têm dos problemas causados pela influência das alterações climáticas sobre o mesmo local e, assim, contribuir na elaboração de políticas direccionadas a adaptação das alterações climáticas na pesca.

4. METODOLOGIA

O sucesso da pesquisa científica depende em grande medida, da metodologia escolhida e a ser seguida. Assim, para a realização deste estudo, foi utilizada uma metodologia de natureza qualitativa e quantitativa, numa forma de complementaridade. A metodologia qualitativa permitiu captar e documentar as inter-relações e relações sociais necessárias para conhecer a realidade em toda a sua dimensão. A utilização da metodologia quantitativa permitiu através da aplicação de um questionário semi-aberto, descrever e caracterizar o grupo em estudo.

A revisão bibliográfica possibilitou o aumento do conhecimento sobre o tema em estudo, fornecendo subsídios para a elaboração e estruturação do documento final de pesquisa.

A utilização de entrevistas individuais e de grupo, numa simbiose qualitativa e quantitativa, veio a constituir a principal forma de recolha de informação, pois o objectivo consistia em colectar os conhecimentos e saberes locais dos actores em estudo. Para realização das entrevistas foi elaborado um guião de entrevista com perguntas abertas. (vd. Anexo)

Aplicação de inquéritos por questionários permitiu a obtenção de várias informações sobre a realidade sociocultural e económico dos sítios em estudo. Assim concebeu-se um questionário semi-aberto, que agrega um conjunto de questões essenciais sobre o tema em estudo. (vd. Anexo)

Os dados obtidos através dos questionários foram tratados e processados na versão *17.0 for Windows*, do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), permitindo

assim proceder a análise dos dados.

4.1 Caracterização e Construção da Amostra

O universo em estudo é constituído por actores sociais que trabalham na pesca artesanal, fazendo dela seu meio de sustento, especificamente, os pescadores e as vendedoras de pescado residentes nos sítios de pesquisa-acção de São Pedro na ilha de São Vicente, de Palmeira na ilha do Sal e de Rincão na ilha de Santiago.

A amostra ficou constituída por 125 indivíduos, sendo 97 indivíduos do sexo masculino constituídos por pescadores e mergulhadores e 28 do sexo feminino constituído unicamente pelas vendedoras de pescado.

Para os 97 indivíduos do sexo masculino inquiridos, a técnica amostral foi a de amostragem aleatória simples, construindo 30% da população total (número de pescadores nos três sítios de pesquisa). Visto que, a população em estudo é de pequena dimensão, aumentou-se o tamanho da dimensão da amostra em virtude do tamanho da população total. Segundo os dados da Divisão de Estatística do INDP, existe na comunidade de Palmeira 138 pescadores, Rincão possui 99 e São Pedro 96, todos pescadores que trabalham exclusivamente na pesca artesanal.

Enquanto que, à amostra do sexo feminino optou-se pela técnica de amostragem não aleatória por conveniência, uma vez que não se conhece o número exacto das mulheres vendedoras de pescado nos sítio de pesquisa-acção.

Assim sendo, a amostra respeita a seguinte distribuição:

Tabela 1 – Cruzamento dos sexos com os sítios pesquisa

Sitio pesquisa	Sexo do inquirido		Total
	Masculino	Femenino	
Palmeira	41	4	45
Rincão	30	15	45
São Pedro	26	9	35
Total	97	28	125

Tendo em conta o processo de amostragem escolhido e o número da população, a definição do erro amostral e nível confiança, revela-se pouco prático.

4.2 Descrição da Área de Estudo

A área de estudo corresponde aos sítios de pesquisa-acção seleccionados de acordo com os objectivos do projecto APPECCAO, baseados em critérios como vulnerabilidades às mudanças climáticas, importância da actividade de pesca e o nível de organização.

Os sítios de estudo são comunidades piscatórias pertencentes as ilhas do arquipélago de Cabo Verde.

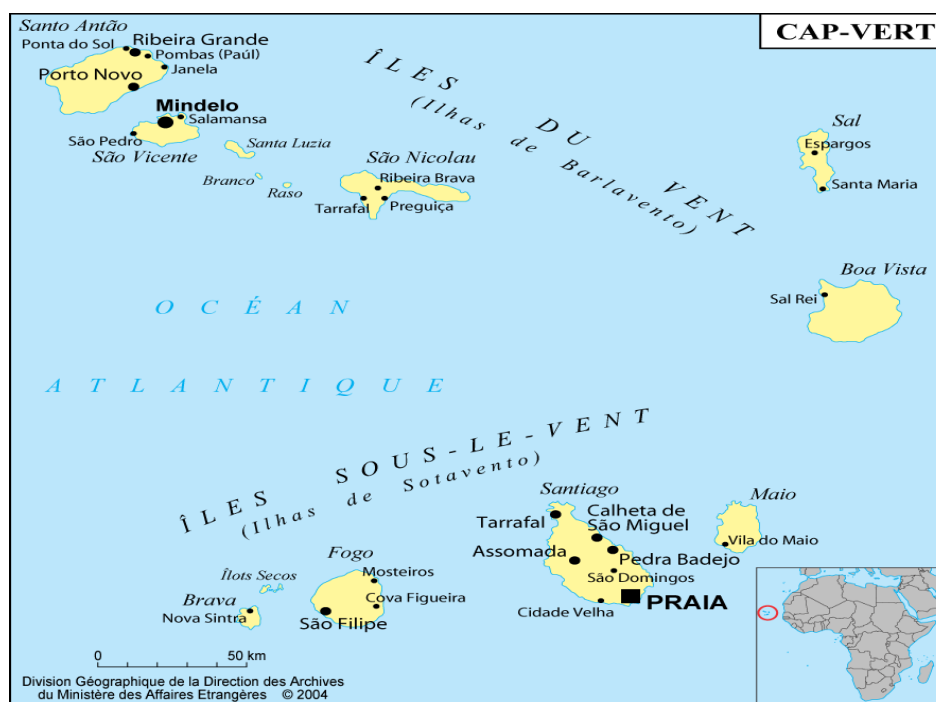


Figura 1 : Arquipélago de Cabo Verde. Fonte internet

Cabo Verde é um arquipélago de origem vulcânica situado no Oceano Atlântico, a cerca de 455km do cabo que forma o extremo ocidental do continente africano. É constituído por dez ilhas e oito ilhéus, tendo no total uma superfície de 4.033 Km². Geograficamente, o arquipélago divide-se em dois grupos, Barlavento e Sotavento, de acordo com os ventos dominantes (Bravo de laguna, 1985). A norte, as ilhas-ao-vento (Ilhas de Barlavento)

compreendem as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista. Ao Sul, Maio, Santiago, Fogo e Brava formam as ilhas-sob-o-vento (Ilhas de Sotavento).

Conforme os dados do Censo 2010, recentemente publicados, apontam que em 10 anos, a taxa de crescimento da população residente foi de 1,2%, passando de 434.625 pessoas, em 2000, para 491.875, em 2010. Trata-se de uma população relativamente jovem, com mais de 30% dos indivíduos na faixa etária inferior a 20 anos. De referir ainda que, a maioria dos residentes, 50,5%, é do sexo feminino e a predominância de concentração populacional é nos centros urbanos, distribuídos em 22 Municípios.

O clima é saheliano, com precipitações irregulares sazonais e espaciais, pronunciadas em todo o arquipélago, Agosto e sobretudo Setembro são os meses mais húmidos.

De acordo com o Banco de Cabo Verde, o país terá crescido em 2010 a uma taxa real de 5,6%, baseado essencialmente na procura interna. Para o aumento da produção nacional contribuiu principalmente os sectores da construção e dos serviços.

A pesca, dentro das limitações que condicionam o seu desenvolvimento deu o seu contributo para o desenvolvimento do sector real, não só no abastecimento do mercado nacional com produtos de boa qualidade, como também para as exportações, tendo contribuído em 2010 com cerca de 80% dos produtos exportados, conforme dados do INE. Em 2010 foram exportados 12.196.357 kg de produtos de pescado no valor de 2.830.930 contos, representando um aumento de 21% em peso e 53% em valor relativamente às exportações de 2009.

4.2.1 Comunidade Piscatória de São Pedro.

A comunidade piscatória de São Pedro situa-se no sul da ilha de São Vicente, cerca de 10 km da cidade do Mindelo. Considerada uma das maiores comunidades piscatórias da ilha onde a pesca desempenha um papel importante no desenvolvimento socioeconómico. A comunidade possui um relevo acidentado. É uma área com potencial para atracção da

população e actividades turísticas que, na ausência de planos de ordenamento e políticas de desenvolvimento coerentes, poderá sofrer forte pressão antropogénica.

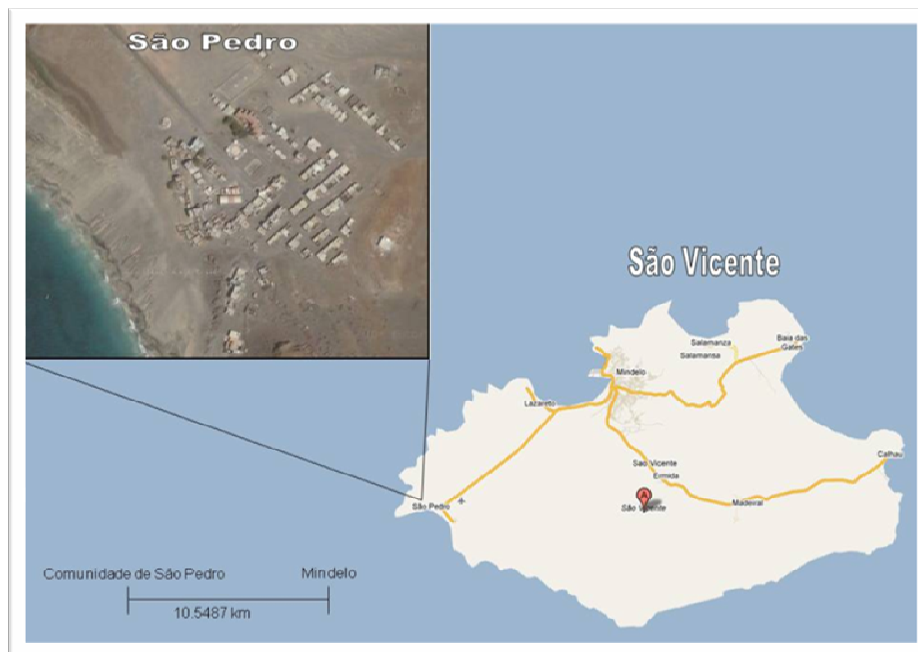


Figura 2: Comunidade de São Pedro, ilha de São Vicente. Fonte: internet

De acordo com Censo 2000, a comunidade de São Pedro alberga cerca de 813 habitantes, repartidos por 158 famílias. A comunidade é muito homogénea no que se refere as condições sociais dos seus residentes relativamente, as condições habitacionais e o nível de vida. O nível de instrução na comunidade é baixo, entretanto, entre os mais jovens a escolaridade pode atingir em média até o 10º ano.

Economicamente, a comunidade vive essencialmente da pesca, praticada por mais de noventa pescadores, utilizando cerca de 32 embarcações artesanais. As espécies visadas são principalmente os pequenos pelágicos que têm uma grande importância socioeconómica para esta comunidade em questão e para a ilha de São Vicente em geral. Ainda, entre outros, os tunídeos são bastante expressivos nas capturas.

Paralelamente a actividade da pesca, a comunidade encontra-se numa fase de crescente industrialização, com um volume importante de investimentos socioeconómicos, entre os quais as infra-estruturas aeroportuárias empreendimentos turísticos e pequenos comércios.

4.2.2 Comunidade Piscatória de Palmeira

Situada na costa oeste da Ilha do Sal, a comunidade de Palmeira fica a uma distância de aproximadamente 5 km da Cidade de Espargos e tem uma população de aproximadamente 1097 habitantes (censo de 2000).



Figura 3 - Comunidade piscatória de Palmeira, Ilha do Sal. Fonte: internet

Para além da sua actividade principal, a pesca, existem outras actividades económicas que trazem uma mais-valia para esta localidade, entre as quais, a existência do único porto da ilha, a forte presença das indústrias pesqueiras (conserveiras e outras fábricas transformadoras de pescado), as armazéns de importação e distribuição de produtos alimentares, a existência da central eléctrica da ilha e de fornecimento de água potável e as estações de armazenagem de combustíveis.

Nesta comunidade existe 238 pescadores, distribuídos em 48 embarcações de pesca. As espécies capturadas são os demersais, os tunídeos e os pequenos pelágicos, utilizando artes de pesca como a linha/vara, rede de cerco, rede de emalhar e rede de praia. A extensão da área de pesca também é muito maior em relação às restantes localidades, estendendo-se à toda costa oeste da ilha.

4.2.3 Comunidade Piscatória de Rincão

A comunidade piscatória Rincão está localizada à 17 Km da Cidade de Assomada no Concelho de Santa Catarina, ilha de Santiago. A população residente é de aproximadamente 1039 habitantes, constituída essencialmente por jovens e de baixo nível de escolaridade. Em Rincão a principal actividade de sustento é a pesca, praticada por cerca de 99 pescadores, distribuídos por 33 embarcações tradicionais movidos maioritariamente por motores fora de borda.



Figura 4 - Comunidade piscatória de Rincão, Ilha de Santiago. Fonte internet

Não obstante ser uma das comunidades com maiores números de factores de produção (nº de embarcações e de recursos humanos), a pesca assume um carácter muito tradicional e de subsistência. Os materiais e engenhos de pesca adaptam-se as modalidades de pesca praticada, dirigidas a captura de demersais e tunídeos, em que os pescadores utilizam a linha de mão, podendo porém, registar captura de pequenos pelágicos, nomeadamente chicharro e cavala.

Além da pesca, ainda praticam agricultura e criação de gado como actividade complementar, principalmente na época das chuvas.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo debruça sobre a análise e interpretações dos resultados. Dado que, o grupo apresenta características homogéneas, actividades e modo de vida similares, as respostas dos inquiridos e entrevistas tendem a coincidir, pelo que, foi feito uma análise geral e salientou-se algumas constatações incomuns sempre que necessário.

5.1 Caracterização da Actividade da Pesca Artesanal

Neste ponto, far-se-á uma descrição muito sucinta daquilo que é a pesca artesanal em cabo verde, visando com isso dar a conhecer a realidade cabo-verdiana, e traçar um perfil do pescador artesanal em termos sociais, para melhor compreensão dos resultados descritos nos pontos procedentes.

5.1.1 Actividade da Pesca Artesanal

O sector das pescas em Cabo Verde é considerado um sector importante para o desenvolvimento sócio económico e desempenha um papel crucial na economia do país, através do fornecimento de proteínas animal para as populações. É ainda uma importante fonte de emprego e contribui para o equilíbrio da balança de pagamento, através das exportações. O potencial haliêutico é estimado entre 32.590 a 41.615 toneladas por ano, na sua maioria é constituído por tunídeos, com uma disponibilidade entre 25. 429 à 33.554 toneladas por ano. Somente uma parte deste potencial é explorada por uma frota local artesanal e industrial e, também, por uma frota estrangeira (PGRP, 2003).

A pesca artesanal é uma actividade de grande tradição em todas as ilhas, representando uma fonte importante de emprego. Em algumas ilhas, constitui principal base produtiva e eixo de desenvolvimento. A frota é composta por mais de mil pequenas embarcações de tamanho compreendido entre 3,5 a 8 metros e, muitas delas, possuem motores fora borda. É predominada a pesca à linha de mão para os tunídeos e demersais, pesca com redes de cerco, de emalhar e de praia para os pequenos pelágicos. Segundo as estatísticas do INDP de 2008, a nível nacional, a pesca artesanal representa 50% do total das capturas, sendo as

espécies mais capturadas são os grandes e os pequenos pelágicos, demersais e alguns crustáceos e moluscos.

Comparando o total dos desembarques (8.128 toneladas a nível nacional) com o potencial estimado, de forma geral poderia considerar-se que os recursos pesqueiros de Cabo Verde estão sub-explorados. No entanto, e preciso ter em conta que mais da metade deste potencial corresponde a tunídeos, nomeadamente o gaiado e albacora, pelo que a pesca de atum é a que, à partida, apresenta maiores potencialidades de desenvolvimento. Já para os outros recursos, as possibilidades de expansão das pescarias são limitadas, sobretudo para espécies demersais (lagostas, peixes de fundo, molusco), que estarão a ser exploradas perto ou já para além dos limites sustentáveis em grande parte do arquipélago.

Ao longo dos anos, o financiamento das actividades da pesca é feito através de auto financiamento, créditos concedidos pelas instituições financeiras nacionais, projectos de desenvolvimento e ONGs, com objectivo de adquirir novas embarcações, motores e materiais de pesca, preparação de campanhas de pesca e a expansão da indústria transformadora.

Como parte da sua importância socioeconómica, a pesca emprega cerca de 2,1% da população total e 5,2% da população activa, contribuindo também para o equilíbrio da balança de pagamento, os produtos da pesca tem uma participação significativa nas exportações. Em 1998, o consumo per capita do pescado foi de 19kg, representando cerca de 73% do total de proteína animal consumida no país. Em 2003 e 2004, esse consumo elevou-se para 23 e 26,5kg/habitantes, respectivamente. Durante a última década, a variação média anual foi de 5,5% neste indicador, contra um aumento anual populacional estimado em 2,3%. Isso significa que a pesca tem sido, em parte, responsável pela sustentação do crescimento populacional em Cabo Verde.

De salientar que as compensações recebidas no âmbito dos acordos de pescas, sejam das transferências bilaterais, sejam das transferências dos marinheiros cabo-verdianos que trabalham nas embarcações no quadro dos acordos, representam também contribuições importantes no sector pesqueiro e para a economia do país.

O sistema estatístico das pescas é um dos pilares do sector consolidado ao longo de muitos anos, apesar de, ser necessário ainda alguns reajustos por exemplo a sua agregação por ilha, porto ou local do desembarque, espécies capturadas, zonas de pesca e a repartição do esforço de pesca das embarcações licenciadas pelas diferentes pescarias e zonas de pesca e, ainda, colecta de outros dados de natureza socio-economico, como sugere o PGRP 2003.

Os principais recursos haliêuticos são explorados por uma frota artesanal, composta por 1.036 botes (74% motorizados) e 3.108 pescadores, sem contar com as vendedoras ambulantes, cerca de 893, segundo os dados do último recenseamento geral em 2005. Ainda conta com uma frota de industrial ou semi-industrial (cerca de 840 pescadores 84 embarcações) e uma frota estrangeira que opera na ZEE de Cabo Verde ao abrigo de acordos de pesca.

O potencial haliêutico de Cabo Verde é globalmente subexplorado, não obstante alguns recursos haliêuticos encontrem-se num estado de sobrexploração ou de exploração intensa (PGRP, 2003).

A transformação e a comercialização são ramos de actividade que se situam a jusante da captura. A indústria transformadora de pescado em Cabo Verde sofreu diversas evoluções ao longo do tempo mas, ainda, enfrentam muitos constrangimentos.

No plano de gestão dos recursos da pesca (PGRP, 2003) identificaram três pescarias industriais: tunídeos e afins com linha/vara, pequenos pelágicos com rede de cerco e lagosta de profundidade com covos. E, ainda identificaram cinco pescarias artesanais: a pesca à linha de mão para os peixes demersais e tunídeos, o mergulho para captura de demersais, lagostas costeiras e búzio, a pesca com rede de cerco, de emalhar e de arrasto de praia para capturados dos pequenos pelágicos. Ainda existe a pescaria de búzio com dragas ou rocegas, a pescaria de tubarões, a pesca estrangeira (palangre de superfície e cerco para grande pelágicos) e pescaria amadora (recreativa e desportiva).

O acesso a outras áreas de pesca é conferido no âmbito das relações de cooperação com outros países, de alguns anos a esta parte, através de acordos de pesca. Neste contexto,

existem acordos de reciprocidade com o Senegal, a Guiné e a Guiné-Bissau, mas o único que vem funcionando é o existente com o Senegal.

Segundo o plano de gestão o potencial pesqueiro é de 36.000 a 44.000 toneladas. Deste potencial, 55 a 70 % é constituído pelos atuns, basicamente de carácter migratório, dos quais o gaiado (*katsuwonus pelamis*) e a albacora (*Thunnus albacares*) são os mais capturados. Outros pelágicos oceânicos presentes nos desembarques são a serra (*Acanthocybium solandri*), o patudo (*Thunnus obesus*), a merma (*Euthynnus alletteratus*) e o judeu ou cachorrinha (*Auxis pp*).

Do grupo dos pelágicos costeiros, as espécies mais capturadas são a cavala (*Decapterus macarellus*), o chicharro (*Selar crumenophthalmus*), a cavala branca (*Decapterus punctatus*) e a dobrada (*Spicara melanurus*). Ainda são desembarcadas outras espécies, com especial realce para outras famílias como a dos Crangídeos (*Caranx*, *Seriola* e outros).

Os demersais de Cabo Verde são divididos em dois grandes grupos: os de fundos rochosos e os de fundos arenosos. O primeiro grupo inclui espécies de Serranídeos (*Cephalopholis taeniops*, *Serranus*, *Epinephelus*, *Mycteroperca*, moreias (*Murenídeos*), goraz (*Lutjanus*), dobradão (*Apsilus fuscus*), bica de rocha (*Spondylisoma cantharus*), entre outros. De entre os demersais de areias, as espécies mais representativas são sargos em geral (*Lithognathus mormyrus*, *Diplodus*), barbo (*Galeoides decadactylus*), salmonete (*Pseudupeneus prayensis*), fótche (*Mullus surmuletus*), façola (*Priacantídeos*), besugo (*Pomadasyus incisus*), entre outras.

De entre os crustáceos destacam-se a lagosta rosa (*Palinurus charlestoni*), endémica de Cabo Verde, e as costeiras: lagosta verde (*Panulirus regius*), lagosta castanha (*Panulirus echinatus*) e lagosta pedra ou carrasco (*Scyllarides latus*).

Existem outros recursos importantes, mas cujo potencial é desconhecido, entre os quais destacam-se os corais, o búzio cabra (*Stronbus latus*), alguns cefalópodes, tubarões, algumas espécies de bico (*Istioforídeos e xifídeos*), o lobo ou dourada (*Coryphaema hippurus*), entre outros.

A par dos recursos pescados tradicionalmente, existem outros pouco ou não explorados que poderiam ser alternativos ou complementares, que podem ser encarados como uma necessidade de uma prioridade de desenvolvimento, que visa aliviar a pressão sobre determinados recursos, pela via de diversificação da pesca e do aproveitamento pleno dos recursos marinhos.

As melhores infra-estruturas de pesca (em termos de portos, instalações de frio e de transformação) estão localizadas em São Vicente, Santiago e Sal. O pescado é maioritariamente comercializado no mercado local, mas há uma pequena quantidade exportada que é constituída por lagosta e algum peixe fresco (atum e peixes demersais).

Actualmente, existe um índice aceitável de desenvolvimento com uma clara tendência para a sua modernização em direcção a pesca dita semi industrial, alguns indicadores mostram que estamos perante um sector com potencialidades para um desenvolvimento mais expressivo quer em termos económicos quer em termos sociais.

No entanto, existe vários factores que limitam esse desenvolvimento, pode-se destacar um fraco desenvolvimento tecnológico e da frota, baixo nível de formação profissional, baixo rendimento, insegurança no mar, etc.

5.1.2 Perfil e Caracterização dos Actores da Pesca Artesanal em Estudo

Neste ponto faz-se uma caracterização do perfil dos actores envolvidos no estudo, designadamente os pescadores artesanais, mergulhadores e mulheres vendedoras de pescado. Para isso, analisou-se oito indicadores, constituídos pela idade, local de residência, estado civil, nível de escolaridade, dimensão do agregado familiar, o número de filhos, bem como o número de anos na actividade da pesca.

Dos dados recolhidos tanto dos inquéritos, das reuniões de grupo, bem como das observações feitas nas comunidades envolvidas, permitem perceber algumas semelhanças e diferenças entre elas. Em todas as comunidades existem várias gerações em exercício da

pesca, tendo as idades variadas entre 16 e 65 anos, com maior frequência na faixa etária de 27 à 37 anos. Outras das semelhanças encontradas nas comunidades foi o número elevado de filhos menor de 10 anos, agregado familiar em média situado entre 3 a 6 pessoas e um baixo nível de instrução com predominância de actores com mínimo de sexta classe de escolaridade.

De forma mais específica, a análise da estrutura etária dos inqueridos permite verificar que a maioria dos pescadores e mergulhados inquiridos estão na faixa etária compreendida entre 27 e 37 anos, que corresponde a 35,1% do total dos inquiridos. Seguidos dos inquiridos com idade compreendida entre os 38 e 48 anos, com 25,8% do total, e na mesma percentagem observa-se, inquiridos de idade compreendida entre 16 e 26 anos, 49 e 59 anos, ambos com 15% do total das respostas. Apenas 8% dos inquiridos tem idade igual ou superior a 60 anos.

A tabela abaixo ilustra a composição da estrutura etária dos Inqueridos por sítios de pesquisas.

Tabela 2 – Cruzamento da idade dos pescadores com os sítios de pesquisa

Idade	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
16 - 26 anos	4	3	8	15
27 - 37 anos	13	10	11	34
38 - 48 anos	13	10	2	25
49 - 59 anos	9	2	4	15
Mais 60 anos	2	5	1	8
Total	41	30	26	97

Pela análise da tabela, pode-se subentender que os pescadores da comunidade de São Pedro são os mais jovens, enquanto os menos jovens estão na comunidade de Rincão. Observa-se que na comunidade de São Pedro maioria dos inquiridos estão na faixa etária de 27-37 anos e 8 inquiridos estão na faixa dos 16-26 anos, o que justifica ser a comunidade com mais pescadores jovens.

A comunidade Palmeira, também apresenta uma frequência de pescadores bastante jovem, situada nas faixas etárias de 27-37 e 38-48 anos de idade, não obstante essa observação, também verifica-se que apresenta maior frequência de inquiridos com idades igual ou superior aos 49 anos de idade.

Rincão é a comunidade que observa menor frequência de inquiridos com idade compreendida entre os 16 e 26 anos, e maior frequência nos inquiridos de mais de 60 anos. Esta última constatação permite afirmar que Rincão é a comunidade em estudo, em que se observa pescadores com idade mais avançada na actividade praticada, contrariando a natureza desta actividade que exige uma maior força física, o que pressupõe ser uma tarefa para jovens. Igualmente observa-se em Rincão um grupo considerável de pescadores com idade situada nas faixas de 27-37 anos e 38-48 anos, ambas com mesma frequência.

Em termos de género, verifica-se que 35,7% do total das mulheres vendedoras de pescado inquiridas estão na faixa dos 27 - 37 anos de idade e 28,6% de 49 - 59 anos de idade. Do total dos casos inquiridos mais de 17% estão na faixa dos 38 - 59 anos, menos de 15% na faixa dos 16 - 26 anos de idade e simplesmente uma inquirida correspondente a 3.6% tem mais de 60 anos. A tabela abaixo discrimina o cruzamento da idade das vendedoras de pescado com o sítio de pesquisa:

Tabela 3 – Cruzamento da idade das vendedoras de pescado com os sítios pesquisa

Idade	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
16 - 26 anos	1	3	0	4
27 - 37 anos	1	6	3	10
38 - 48 anos	1	2	2	5
49 - 59 anos	1	3	4	8
mais 60 anos	0	1	0	1
Total	4	15	9	28

Percebe-se pela tabela que a comunidade de Rincão apresenta mais mulheres vendedoras de pescado inquiridas, e a maioria situada na faixa etária de 27 - 37 anos de idade. É a única

comunidade onde se regista uma inquirida com mais de 60 anos de idade. Contrariamente, na comunidade de Palmeira por constatar um baixo número de vendedoras, é onde menos se inquiriu mulheres. Curiosamente para cada faixa etária houve um registo com excepção da idade superior a 60 anos.

Em relação a comunidade de São Pedro, verifica-se que do total das mulheres inquiridas a maioria tem idade compreendida entre os 49 - 59 anos e 3 inquiridas possuem idade compreendida entre os 27 - 37 anos. Foram observadas apenas duas frequências das inquiridas na faixa de 38 - 48 anos. Não se observou frequências nas outras faixas etárias.

Em todas as comunidades em estudo, os inquiridos ou os actores da pesca residentes, possuem na sua maioria um agregado familiar de entre 3 - 6 pessoas. Ainda verifica que uma grande percentagem dos inquiridos que têm agregado muito longo, constituído por mais de 9 pessoas, superior a media nacional que é de 4,6.

A tabela abaixo traz o cruzamento da constituição do agregado familiar dos inquiridos em relação ao sítio de pesquisa. Na coluna do total das frequências observadas, pode-se verificar que a maioria dos inquiridos tem agregado familiar constituído de entre 3 - 6 pessoas, seguidos de 22 inquiridos que têm um agregado composto por mais de 9 pessoas e simplesmente 6 inquiridos vivem sós.

Tabela 4 – Cruzamento agregado familiar com os sítios pesquisa

Constituição do agregado familiar	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
vive só	6	0	0	6
menos 3 pessoas	6	4	2	12
entre 3 e 6 pessoas	17	12	12	41
entre 7 e 9 pessoas	6	7	3	16
mais de 9 pessoas	6	7	9	22
Total	41	30	26	97

Da análise da tabela, observa-se que a comunidade de Palmeira tem maior frequência de inquiridos com agregado familiar composto por 3 - 6 pessoas e é a única comunidade onde se observa inquiridos que dizem viver sós. Dos 22 inquiridos com agregado familiar composto por mais de 9 pessoas, a comunidade de São Pedro apresenta maior frequência com 9 casos observados. Quando a análise é feita a nível das mulheres vendedoras de pescado, o cenário é idêntico visto que a maioria delas são esposas e/ou companheiras dos pescadores e vivem normalmente na mesma residência.

Constatou-se através da filtração dos dados recolhidos, que a maioria dos inquiridos possuem família constituída e que o número de filhos situa-se entre 0 a 19 elementos, com uma média girando em torno de 5 filhos por casal. Verificou que do total dos inquiridos 15,5% dizem não ter filhos e esse facto observa-se nas comunidades de Palmeira e São Pedro, com 9 e 6 frequências observadas, respectivamente.

Quanto à escolaridade dos inquiridos, tanto os pescadores como as mulheres vendedoras de pescado possuem na sua maioria o Ensino Básico Integrado (EBI) que vai do 1º ao 6º ano, escolaridade obrigatória em Cabo Verde. Do total dos pescadores inquiridos 54,6% possuem o EBI, 19,6% frequentaram o ensino secundário que vai do 7º ao 12º ano de escolaridade, seguidos de 16,6% que não tem nenhum nível de instrução, e somente 9,3% do total dos inquiridos frequentaram o programa e /ou curso de alfabetização.

A distribuição desses valores a nível dos sítios de pesquisa é equitativa, embora a comunidade de São Pedro apresenta baixa frequência de inquiridos que não sabem ler nem escrever e que também frequentou o curso de alfabetização.

Em termos de género, observa-se também que a maioria, ou seja 46,4%, das mulheres inquiridas possuem o ensino básico integrado como nível de conhecimento e 32,1% não possuem nenhum nível de instrução. Entretanto, 17,9% frequentaram o ensino secundário e apenas 3,6% das inquiridas frequentaram o programa de alfabetização. Dos 32,1% das inquiridas que não possuem nenhum nível de instrução a maioria residem na comunidade de Rincão, enquanto que na comunidade de São Pedro as mulheres vendedoras inquiridas têm maior nível de instrução.

5.2 As Práticas e os Saberes Endógenos da Pesca Artesanal

5.2.1 A Escolha da Profissão na Pesca Artesanal

A construção da identidade do pescador artesanal é um processo que liga o conhecimento e o trabalho. Inicia-se na maioria das vezes logo nos primeiros anos de vida, ou seja, por volta dos 10 anos de idade, onde os meninos começam a se interessar pela pesca, ajudando nas actividades mais simples, como separar o pescado, desenrolar as redes, ajudar no arrasto dos botes, etc. Sejam eles filhos, netos, sobrinhos ou mesmo vizinhos dos pescadores, acompanham os mais velhos até a praia, para observá-los durante a saída e chegada do mar. O primeiro conhecimento ou seja a aprendizagem começa com a observação.



Figura 5 – Arrasto de um bote e uma rede de praia, com adultos e crianças. Fotos: Fiba/Hélio e Van Ingen

É através da observação, que grande parte dos pescadores começa a se apropriar dos conhecimentos da pesca e, esse processo de aprendizagem se desenvolve de forma informal, ou seja, da experiência dos mais velhos sendo transmitida na prática aos mais novos que desejam ser pescadores, como pode depreender do extracto da entrevista à pescadores e vendedoras de pescado:

“ Quando comecei devia ter uns 11 ou 12 anos mais ou menos. Aprendi com meu pai, meus tios, foram eles que me ensinaram. Tudo que eu sei hoje foi através deles, mais precisamente com o meu pai, depois através do tempo vamos aprendendo também. Primeiro nós os ajudavam a puxar botes, as vezes íamos nos botes e víamos como eles faziam....e fomos aprendendo, com o tempo, com a experiência, devagar até saber fazer as coisas.”

(pescador Palmeira)

“...quando nasci já encontrei essa profissão na minha família, meus pais, minhas tias, primos...era nossa forma de viver. Eu, desde cedo ia com a minha mãe vender o pescado, ficava vendo e as vezes vendia também, como não consegui outra profissão, não teve cabeça para estudo, comecei a venda de peixe, já sabia como era, comecei a trabalhar com minha mãe.”

(vendedora pescado de Rincão)

Como se verifica através desses extractos de entrevista, a aquisição do conhecimento dá-se através da observação e a prática é fundamental nessa profissão. A transmissão dos conhecimentos é de forma oral, o pescador mais velho somente explica para o mais novo e este observa e faz da mesma forma. Diferentemente do pensamento científico, que utiliza primordialmente a linguagem escrita. Para outras profissões utilizam-se obras escritas para comprovar a aprendizagem. Na actividade da pesca artesanal essa comprovação se dá através da prática, ou seja, no trabalho quotidiano do pescador.

Tendo em conta a natureza do estudo, tornou-se pertinente questionar os actores envolvidos o motivo que os levaram a escolher a actividade pesqueira como profissão e desde quando a praticam. No estudo, essas duas variáveis visam conhecer e entender se os motivos impulsionadores são de carácter sociocultural ou pessoal. O conhecimento dos anos de prática na actividade indica a experiência de cada inquirido dando pistas para outras questões ligadas ao estudo.

Assim sendo, constata-se que uma boa parte dos pescadores e mergulhadores inquiridos, a escolha da profissão recai sobre o factor tradição familiar. Ou seja, 46,4% dos inquiridos dizem seguir a tradição familiar, herdada dos seus ascendentes. Ainda, do total dos inquiridos, 27,8% responderam que a escolha dessa profissão deve ao facto de não terem outra opção, 19,6% dizem que gostam da actividade da pesca, 4,1% afirmaram que a pesca é única actividade que se pode praticar numa comunidade piscatória e somente 2,1% dizem que a pesca é uma actividade rentável, daí a escolha da profissão.

Analisando em termos espacial, a tabela abaixo evidencia que nas comunidades de Palmeira e Rincão a escolha da actividade de pesca prende-se com seguimento da profissão dos

ascendentes. Para a maioria dos inquiridos da comunidade de São Pedro apontaram a falta de opção. No entanto, na reunião de restituição os operadores sobre tudo os mais velhos insistiram em afirmar que o principal factor é a tradição familiar.

Pode-se observar que na comunidade de Palmeira para além da escolha recair sobre a tradição familiar, deve-se também ao facto de gostarem da profissão e apenas 6 inquiridos dizem ser a falta de opção. O mesmo para a comunidade de Rincão, que além da tradição familiar os inquiridos apontam a falta de opção como um factor impulsionador para actividade da pesca e também dizem ser única actividade a seguir na comunidade.

Tabela 5 – Cruzamento das variáveis motivo escolha da profissão com os sítios pesquisa

Motivo da escolha da profissão	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
Rentável	1	0	1	2
Tradição familiar	19	17	9	45
Falta opção	6	11	10	27
Gosta muita da pesca	15	0	4	19
Única actividade comunidade	0	2	2	4
Total	41	30	26	97

Em relação as mulheres inquiridas, estas apresentam maior leque de motivos da escolha de profissão, sendo o principal factor a tradição familiar, representando 53,6% das respostas. Apurou-se ainda, que 17,9% dizem não ter encontrado outra opção e 10,7% das inquiridas dizem que a escolha da profissão prende-se com o facto dos companheiros/esposos serem pescadores. As restantes inquiridas dizem ser uma forma de sustento da família, do gosto pela actividade de pesca e apenas uma não respondeu.

Da análise da tabela abaixo, observa-se que no caso das mulheres vendedoras de pescado, a tradição familiar é o principal motivo nas comunidades de São Pedro e Rincão, com a mesma frequência observada.

Tabela 6 – Cruzamento dos motivos de escolha da profissão das vendedoras de pescado/ sítios de pesquisa

Motivo da escolha da profissão	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
Tradição familiar	3	6	6	15
Companheiro é pescador	1	2	0	3
Escolaridade insuficiente	0	2	0	2
Não encontra outro trabalho	0	3	2	5
Sustento para da família	0	1	0	1
Não sabe/não responde	0	1	0	1
Gosta da actividade	0	0	1	1
Total	4	15	9	28

No que tange aos anos dedicados a actividade da pesca, da análise dos dados observa-se o mínimo de 3 anos e o máximo de 64 anos, com uma média de 23 anos de experiência para os pescadores e mergulhadores inquiridos, enquanto que para a mulher vendedora de pescado o mínimo situa-se nos 2 anos e o máximo de 44 anos, tendo a média situada em 19 anos de actividade de pesca.

Uma análise mais detalhada permite constatar que os pescadores da comunidade de Rincão têm mais anos de experiência, com uma média de 25,1, registando o mínimo de 3 anos e o máximo de 64 anos na actividade de pesca. Na comunidade de Palmeira a média situa em 24,8 anos, o mínimo em 3 anos e o máximo em 58 anos de experiência. Por último, na comunidade de São Pedro a média dos anos de profissão situa-se nos 19,3 anos observando o mínimo de 5 anos e o máximo de 54 anos.

Uma análise semelhante, tendo em conta o género constata-se que a comunidade de Rincão continua a liderar em termos de anos experiência, sendo que se observa uma média situada nos 20,4 anos, com o mínimo de 3 anos e o máximo de 44 anos. Segue a comunidade de São Pedro com uma média de 19,2 anos, o mínimo de 10 anos e o máximo de 35 anos. Na comunidade de Palmeira observa-se uma média de 15 anos, mínimo e máximo de 2 e 22 anos, respectivamente. Chama atenção para o facto de que não se pode fazer uma

comparação mais profunda desses dados a nível espacial, uma vez que a amostra recolhida na comunidade de Palmeira é insuficiente para o efeito.

5.2.2 A Faina de Pesca

Na pesca artesanal, a saída para o mar depende das condições climáticas e também da pescaria que se pretende fazer. Através de uma simples observação do estado do tempo e do mar, os pescadores analisam a possibilidade de fazer a pesca. Se consideraram que existe condições lançam-se nas águas numa pesca junto à costa, na esperança de ao voltarem trazer consigo pescado suficiente para sustento e venda.

Dependendo da pescaria, a saída ao mar faz-se de madrugada e em alguns casos há saídas no início da tarde, principalmente quando a pescaria depende do isco. As saídas à pesca de pequenos pelágicos é feita de madrugada e ao amanhecer, onde utilizam praticamente as redes de cerco e de emalhar, principalmente na comunidade de São Pedro. Para pesca de tunídeos e espécies semelhantes, o trabalho começa com a captura do isco, designadamente a cavala, o chicharro ou outras espécies juvenis, feito na véspera da pescaria propriamente dita. Para os pescadores que possuem rede, podem auto fornecer o isco e os que não têm rede compram o isco ou capturam-no com linha. Conforme o extracto da entrevista com pescador do sítio de Rincão:

“...pescamos atum com isco vivo, normalmente com cavala ou chicharro, para engodar o atum...que é um peixe que corre muito”.

(Pescador de Rincão)

No que concerne a pesca de mergulho, a faina é feita em diferentes horas durante o dia, conforme a organização do tempo do mergulhador /pescador, que pode também trabalhar numa das outras categorias de pesca. Esta actividade é realizada de forma oportunista, e que dificulta o seu controlo, tanto na quantidade, tamanho e espécies capturadas, bem como as artes e técnicas utilizadas.

De acordo com os depoimentos dos pescadores, desde da preparação até efectivar a pesca, normalmente, um dia de faina inicia logo de madrugada, como já referido. A faina inicia geralmente das 5-6 horas até a tarde das 13-15 horas, permanecendo no mar 7-10 horas com 5-7 horas efectivas de pescas, dependendo da distância percorrida até o banco de pesca.

As saídas ao mar se verificam quase todos os dias da semana, com excepção de domingo. O número de saídas por semana depende do pescador e em algumas épocas do estado do tempo.

Em Palmeira as saídas variam de 3 a 7 vezes por semana. Dados do inquérito aplicado nesse sítio, demonstram que mais de 35, % dos pescadores responderam que fazem 5 viagens por semana, seguidos de 29, 3% que fazem 6 viagens, outros 22% fazem 4 viagens e apenas 7,3% fazem 7 viagens por semana.

Em Rincão a faina é de 2 à 7 viagens por semana. A grande parte dos pescadores desse sítio, fazem-se ao mar 5 vezes por semana, observando mais de 33% das respostas dadas. Outras percentagens são observadas, nomeadamente 23,3% inquiridos que dizem fazer 6 viagens, seguidos de 20% que dizem sair 7 vezes, mais de 13% que saem 4 vezes por semana, 6,7% e 3,3% dos inquiridos que saem ao mar 2 e 3 vezes por semana, respectivamente.

Em São Pedro, as saídas fazem, em média 6 vezes por semana. Os dados apurados mostram que a maioria dos inquiridos, cerca de 57,7%, faz 6 viagens, seguido de 23,1% com 7 viagens, 15,4% e 3,8% com 4 e 5 viagens por semana, respectivamente.

5.2.3 Embarcações e Técnicas de Pesca

5.2.3.1 Tipo de Embarcações

As embarcações de pesca artesanal são semelhantes em todas as comunidades variando unicamente no tamanho. No geral, as embarcações na região de Barlavento são maiores que as da região de Sotavento. Têm comprimentos entre 4 - 11 metros, são de madeira, revestidos ou não em fibras de vidro, construídos localmente, recorrendo aos meios e

materiais existentes, tornaram-se parte integrante das economias e das culturas locais. Observa-se que as embarcações de São Pedro e de Palmeira são maiores do que as do Rincão. Em todas esses sítios a maioria das embarcações possuem motores fora de borda, no entanto nas comunidades de São Pedro e Palmeira pode-se encontrar embarcações com motores internos.



Figura 6 - Bote com motor fora de borda. Botes com as três as cores em paralelo e o respectivo registo. Fotos: A. Martins e E. Cruz

A tabela abaixo, espelha a distribuição percentual dos dados recolhidos do inquérito, referente ao tipo de propulsão utilizado nas embarcações. Observa-se maior utilização de botes com motor fora de borda para faina de pesca em todas as comunidades em estudo. Em Rincão, regista-se 83,3% dos casos, 77,5% em Palmeira e 65,4% em São Pedro. O meio de propulsão vela é utilizado exclusivamente em Rincão, enquanto que São Pedro é única comunidade que regista embarcações de 11 metros, na categoria de pesca semi-industrial e como tal com motor interno de grande potencia. De realçar o registo de embarcações de pequena dimensões com motores internos com maior frequência em São Pedro e Palmeira.

Tabela nº 7 – Cruzamento sitio pesquisa com tipo propulsão das embarcações

Sítio de pesquisa	Tipo propulsão				Total
	Bote motor interno	Bote motor fora bordo	Vela	Embarcação 11m	
Palmeira	22.5%	77.5%	0%	0%	40
Rincão	3.3%	83.3%	13.3%	0%	100.0%
São Pedro	23.1%	65.4%	0%	11.5%	100.0%

Tradicionalmente os botes são constituídos de madeira, como referido anteriormente, e sua estruturação é herdada do colonialismo português. Estes são de boca aberta, de fundo achatado, com remate de proa em forma de bico baixo e pouco pontiagudo. Ao longo da borda, duas forquetas em cada lado para apoiar os remos e possui dois ou três bancos conforme for o tamanho do bote. Abaixo revista imagem de botes utilizadas nos sítios pesquisa acção.

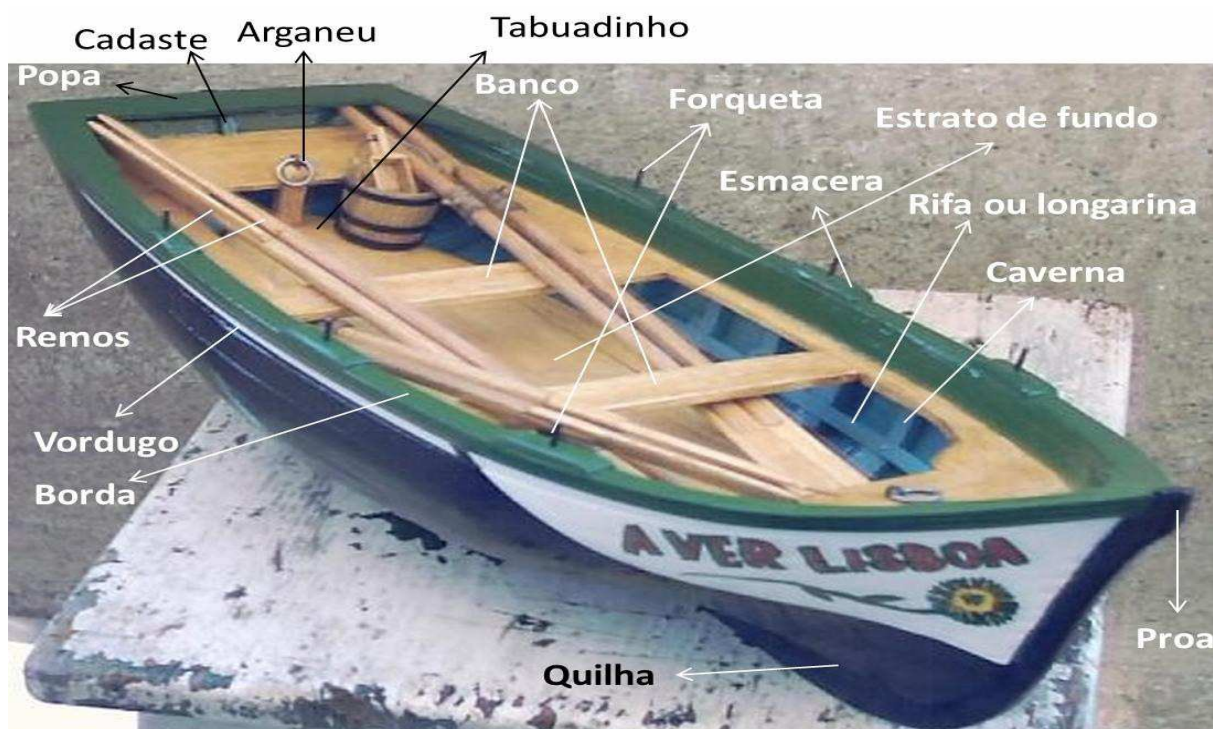


Figura 7 – Bote de boca aberta da pesca artesanal, utilizado nos sítios de pesquisa, Cabo Verde. Foto adaptada. Fonte: internet

Normalmente os botes possuem um colorido singular, centralizado em três cores em paralelo, que não são muito fortes, sendo normalmente o branco, amarelo, azul, vermelho, verde. Para além do bote ter um registo passado pela entidade responsável, o Instituto Marítimo Portuário, esses também são atribuídos nomes, que podem ser nomes de santos, como por exemplo “São José”, “Nossa Senhora de Fátima”, etc., como também podem ter nome dos próprios pescadores dono dos botes, ou mesmo nomes em homenagem a algum ente querido.

5.2.3.2 Engenho de Pesca

Os engenhos utilizados na pesca artesanal, também variam em função da pescaria que se vai fazer. Os dados recolhidos, mostram que em termos de engenhos, destaca-se a linha de mão, arte de pesca mais antiga de todas as praticadas em Cabo Verde. O tamanho dos anzóis varia conforme o tamanho e a espécie capturada. A pesca à linha é um engenho muito selectivo, pois coloca-se o isco na ponta do anzol e o pescador espera pacientemente que o peixe vá comer. Com esta técnica a pesca concentra mais nas espécies demersais (peixes de fundo como dizem os pescadores), atuns, etc.

As redes de cerco são utilizadas geralmente nas embarcações da pesca semi-industrial e industrial, para pesca de pelágicos. Em algumas comunidades, na pesca artesanal utilizam rede de cerco de pequena dimensão dominado “lais de guia”, cuja o comprimento da malha estendida é aproximadamente 2,5 cm. Esta técnica é feita com duas embarcações, sendo uma principal e outra auxiliar designada de “chata” localmente. As redes de cerco capturam o peixe cercado-o tanto lateralmente como por baixo, impedindo que o peixe escape por baixo (Nédélec, 1982).



Figura 8 – Pescadores em suas atividades de pesca com a linha de mão (linha mono-filamento). Fotos: Fiba/Hélio e Van Ingen



Figura 9 – Preparação de uma rede de cerco de 2.5 cm de malha estendida (multi-filamento). Fonte: internet

A análise dos questionários, permite especificar os engenhos mais utilizados em cada um dos sítios de pesquisa. Assim, em Palmeira 61% dos inquiridos dizem que praticam pesca à linha, enquanto 31,7% fazem a pescaria com rede de cerco e apenas 7,3% fazem pesca de mergulho. Em Rincão, 83,3 % dos inquiridos praticam a pescaria à linha, 16,7% com rede cerco e nenhum faz mergulho. Já no sítio pesquisa de São Pedro a tendência inverteu-se, com a maioria dos inquiridos praticando pesca com rede cerco (57,7%), 38,5% à pesca de linha e 3,8% pesca de mergulho.

Tabela 8 – Cruzamento dos sítios pesquisa com os tipos de engenhos de pesca

Sitio pesquisa		Tipos de engenhos de pesca			Total
		Linha	Mergulho	Rede de cerco	
	Palmeira	61,0%	7,3%	31,7%	100.0%
	Rincão	83,3%	0%	16,7%	100.0%
	São Pedro	38,5%	3,8%	57,7%	100.0%

5.2.4 O Conhecimento das Áreas de Pesca

Como referenciado anteriormente, a pesca artesanal em Cabo Verde é feita ao longo da costa. Não existem estudos que relatam ou mencionam nomes das zonas da pesca artesanal, ou seja, não são identificadas de uma forma mais exacta através de mapas, coordenadas, etc. Geralmente é feita a volta da ilha de residência dos pescadores e mergulhadores e podem ir até às ilhas e ilhéus vizinhos, dependendo das distâncias, das condições meteorológicas e das embarcações. A legislação Cabo-verdiana estabelece, através da portaria nº 31/2001 de 9 de Julho, que as embarcações de boca aberta não podem afastar mais de 5 milhas náuticas da costa e 10 milhas do porto de abrigo. Frequentemente, os operadores não cumprem tais dispositivos e algumas vezes acabam por enfrentar situações difíceis culminando em perdas humanas e matérias.

Os pescadores dos sítios de pesquisa possuem diversos saberes sobre o mar, saberes esses construídos ao longo de várias gerações, através da observação e da prática quotidiana da actividade pesqueira. Esses conhecimentos se tornam importantes na localização e marcação das zonas de pesca. Evidentemente, o acesso aos aparelhos de detenção de pescado, tais como sondas, GPS, entre outros, é escasso para muitos pescadores da pesca artesanal. Sendo assim, a marcação das zonas de pesca é feita, em muitos casos, pelos pescadores através de métodos empíricos e tradicionais. As marcações consistem na observação da posição dos rochedos, das respectivas pontas, da distância percorrida até a zona de pesca, a concentração de certas aves marinhas como a cagarra e alcatraz ou de certas espécies como o golfinho ou toninhas e pequenos peixes. Pode-se usar uma única marca para identificar uma zona de pesca ou então a junção delas. Por exemplo a marcação de uma zona de pesca pode ser feita pela distância percorrida e a sua posição em relação as rochas. Conforme podemos ver no extracto de uma entrevista feito:

“ ... a marcação dos bancos de pesca é por intuição. Essa intuição depende da experiência do pescador. Também fazemos a marcação da zona de pesca, através da posição das rochas, marcando da ponta de uma rocha até outra ou então só da rocha. Esta marcação feita na terra através da posição das rochas, de um lado da rocha e de outro lado de outra rocha, a embarcação fica no meio, quando as pontas tiverem alinhado com a embarcação, tira-se a marcação por alinhamento. Mas se a embarcação está atrás da ponta de cruzamento das duas rochas, tira-se a marcação por enfiamento. A marcação de uma zona

de pesca depende de muita experiência e concentração do pescador. Há muitos pescadores que não conseguem fazer uma marcação (...). Seguindo pássaros como Cagarra, o Alcatraz e Guinche, pode-se localizar Dobrada. Se seguir um peixe voador vai pescar atum de certeza, porque peixe voador serve de alimentação para o Atum e a Serra, também o Cangaio que ajuda os pescadores a localizar o atum...”

(Pescador de São Pedro)

Assim como os engenhos e as técnicas utilizadas, a zona de pesca também dependem da pescaria que se pretende fazer. Para a pesca de espécies do grupo dos demersais de maior valor comercial, que utilizam linha de mão, procuram zonas mais perto dos rochedos, com alguma profundidade. Para captura de espécies alvos das redes de emalhar pescam perto da costa. Com redes cerco, capturam pequenos pelágicos em zona livre ou seja, nas baías e no alto mar.

Questionados sobre a percepção de que numa determinada zona de pesca vão encontrar peixe, os pescadores responderam de diversas formas, mostrando o leque de experiência que estes possuem no exercício das suas actividades.

Tabela 9 – Cruzamento da percepção da existência de peixes na zona pesca com os sítios pesquisa

Como sabe se no banco de pesca tem peixes	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
Lança linha c/isca	3.1%	5.2%	3.1%	11.3%
Utilização de GPS	2.1%	3.1%	6.2%	11.3%
Observa mancha peixe e aves	12.4%	6.2%	1.0%	19.6%
Proximidade das rochas	8.2%	2.1%	1.0%	11.3%
Sempre tem peixes	4.1%	1.0%	3.1%	8.2%
Através experiência	4.1%	10.3%	5.2%	19.6%
Tempo e maré	2.1%	00%	1.0%	3.1%
Mergulha p/ observar	0.0%	00%	6.2%	6.2%
ns/nr	6.2%	3.1%	0.0%	9.3%
Total	42.3%	30.9%	26.8%	100.0%

Questionados sobre a existência de locais específicos de zonas de pesca ou pesqueiros, todos os entrevistados citaram os pesqueiros que mais frequentam. A tabela abaixo discrimina as zonas de pesca de acordo com os sítios de pesquisa:

Tabela 10 – Zonas de pesca mais frequentadas nos sítios de pesquisa

Sítios de pesquisa	Zonas de pesca	Frequência
Palmeira	Baia De Palmeira	5
	Madama	24
	Baia De Mordeira	9
	Fiura	18
	Santa Maria	3
	Roze	24
	Pedra Lume	4
	Nova Holanda	1
	Porfilio	8
Rincão	Djaliane	13
	Covinha	16
	Coqueiro	14
	Praia	9
	Tarrafal	7
	Baia De Rincão	7
	Ribeira Da Barca	10
São Pedro	Canal	4
	Baia De São Pedro	15
	Calheta	8
	Flamengo	10
	Santa Luzia E Ilhéus	13

De forma específica, pode-se verificar que os pescadores da comunidade de Palmeira, citaram mais zonas de pesca que costumam frequentar. Desses locais citados, observa-se maior frequência para os pesqueiros de “Madama” e “Roze”, todos situados a norte da ilha do Sal. As zonas citadas com menos frequência são as de “Nova Holanda”, “Santa Maria” e “Pedra Lume”. Em relação a comunidade de Rincão, das zonas de pesca citadas as mais frequentadas são “Coqueiro”, “Covinha” e “Djaliane”, as menos frequentadas são as de “Praia”, “Tarrafal” e “Baia de Rincão”. Em São Pedro as zonas de pesca mais frequentadas são as de “Baia de São Pedro”, “Flamengo” e bancos pesca na Ilha de Santa Luzia e Ilhéus, enquanto que “Canal” e “Calheta” são as zonas citadas menos frequentadas.

A escolha da zona de pesca, segundo os pescadores, depende de acordo com quatro critérios essenciais, a saber: a abundância de espécies com valor comercial, a acessibilidade e/ou proximidade do local pesca, as condições meteorológicas e a segurança da embarcação e dos pescadores e a legislação vigente. Para a maioria dos pescadores inquiridos, a escolha da zona de pesca deve-se, em primeiro lugar, a abundância de espécies com valor comercial e em segundo as condições meteorológicas e segurança.

Das entrevistas feitas em grupo, ficou-se com percepção que raramente os pescadores buscam novas zonas de pesca, conseqüentemente, traduz numa pressão sobre os recursos nas zonas de pesca tradicionais. Os pescadores dizem que não procuram novas zonas de pesca, porque não possuem nem meios financeiros nem embarcações com condições de segurança que lhes permitem descolar mais longe e fazer prospecções. Os extractos das entrevistas que se seguem são ilustrativos:

“...Desde de sempre pescamos nos mesmos pesqueiros, e claro, há uma diminuição dos recursos nestas zonas de pesca. Naturalmente, nota-se uma tendência de pescar cada vez mais longe mas sempre com a segurança. Com o bote não se pode ir muito longe. Com a tecnologia avançada, com embarcações adequadas e com melhores condições a tendência é pescar muito mais e em zonas mais distantes. Antigamente, pescavam atum, embora em pouca quantidade, na Baía de São Pedro próximo a praia, pescavam com varra e cana em toda a costa desde de São Pedro, passando por Flamengo, Calhau, até Saragarça. Nenhum bote tinha necessidade de fazer a travessia e ir pescar a Santa Luzia. Com tecnologia as capturas costeiras diminuíram e, actualmente, para qualquer pescaria têm que ficar mais tempo no mar, ir-se sempre mais longe, regressam quase a noite para casa, conseqüentemente, com menos condições de segurança.”

(Pescador de São Pedro)

“ ...Sempre pescamos nos mesmos pesqueiros, agora tem diminuição dos recursos nestas zonas de pesca, tanto Palmeira com Santa Maria, em tudo lugar. Temos que ir pescar cada vez mais longe e às vezes sem segurança, porque com bote sem equipamento de segurança não se pode ir muito longe. Agora, tem grandes embarcações com todos equipamentos, com sonda, grandes convés, com melhores condições, pescam muito, e nós não pescamos muito....antigamente não era preciso ir tão longe a procura de pescado e com poucos custos, agora temos que ir mais longe, passar mais hora na faina e regressar com pouco pescado. Isto, esta a ficar complicado para um pai de família...”

(Pescador de Palmeira)

No entanto, vale ressaltar que, recentemente, pescadores de algumas localidades têm procurado instituições do Estado ligadas ao sector das pescas, para os ajudar na procura e identificação de novos bancos de pesca. De salientar ainda com a implementação do projecto de colocação de dispositivos de concentração de pescado (projecto DCP, financiando pela FAO) a nível nacional, poderá facilitar novos pesqueiros e aliviar a pressão sobre as zonas tradicionais.

5.2.5 Conhecimento das Espécies

Os pescadores demonstraram um conhecimento detalhado sobre as espécies que capturam, principalmente, em relação ao habitat, sazonalidade, época de reprodução, abundância das espécies, etc.

O conhecimento dos pescadores referente aos habitats das espécies está relacionado com o tipo de ambiente em que os peixes são, frequentemente, capturados e as respostas dadas pelos pescadores encontra-se de acordo com as informações existentes na literatura científica. Eles diferenciam os tipos de habitat das espécies de acordo com o local ou a profundidade que as capturaram. Por exemplo identificam os peixes de fundo (que são normalmente os demersais de fundo arenoso), os peixes de rochas (que são os demersais de fundo rochosos), os de superfície (as espécies pelágicas que vivem a superfície mais próximas da costa), os de mar alto ou mar largo como é localmente chamado (as espécies migratórias), etc.

Os pescadores também foram específicos quanto à época de reprodução, pois citaram os meses de Julho, Agosto e Setembro (época mais quente do ano) como sendo épocas de reprodução de muitas espécies. Constatou-se que possuem mais conhecimento das espécies que mais abundam nas capturas. Caracterizam a época de reprodução com os comportamentos dos indivíduos e alteração da cor da água do mar. Por exemplo a cavala, durante o lançamento dos gâmetas, a água mantém com uma cor branca, conhecida entre os pescadores como época das águas brancas. Também conhecida, como época das “cavalas mansas” pois durante o período de reprodução, a cavala gasta muito energia ficando quase imóvel fazendo com que seja considerada uma presa fácil. Esse período de pico da reprodução, em Cabo Verde, é fechado para a pescaria, ou seja, é período de defeso da cavala (Resolução nº 10/2009 de 4 de Maio, B.O. nº 18, Serie I).

Estudos realizados mostram que os recursos haliêuticos em Cabo Verde são muitos diversificados e o aparecimento de novas espécies são frequentes, mas em quantidade reduzida. Na actividade da pesca artesanal, um dos primeiros conhecimentos para o pescador passa pela identificação das espécies. Esse conhecimento é extensivo a toda a

comunidade piscatória. Assim para as identificar, os pescadores baseiam na observação das espécies capturadas ainda dentro das embarcações quando estes chegam da faina. No mar, a identificação das espécies é feito através da observação de manchas dos cardumes, tendo em conta a sua velocidade de deslocação, cor e agitação provocada na água.



Figura 10 – Diversidade de espécies demersais capturadas durante uma faina de pesca. Fotos: A. Martins

O conhecimento detalhado das espécies vai permitir ao pescador aumentar as probabilidades de captura e de rendimento. Esse conhecimento, ainda, permita-o preparar os apetrechos, as técnicas, o isco, etc.

Os pescadores demonstram durante as sessões de focus groups, que conhecem as espécies demersais e semelhantes, pelo seu habitat e pela forma como comem o isco. Destacamos a entrevista seguinte:

“... os peixes de fundo como garoupa, goraz, merote, etc, sua pesca depende muito da experiencia do pescador. São peixes que vivem na costa, em buracos...lança linha com isco e fica esperando, eles mordem e fogem. Quando percebe primeira “mordida” deve puxar logo a linha, é garoupa de certeza.”

(Pescador de Rincão)

Enquanto que, para as espécies pelágicos, a identificação dá-se pelo movimento dessas espécies no mar, as cores e intensidade de movimentos. Conforme pode depreender do extracto da entrevista:

“... Olha, quando vemos manchas no mar, vamos logo para sua direcção. Se for cavala, a mancha é escura e água fica muito agitada, cavala nada mais rápida, é nervosa, água fica cheia de movimento. Já para Chicharro, a mancha é mais clara, nem tem muito

movimento e o baralho que fazem na água é menos que do das cavalas, as cavalas nadem mais rápidas que o chicharro. Agora, quando é cachorrinha, a mancha também é mais escura um pouquinho, na água vemos a cor brilhante e fazem menos barulho também, cachorrinha é como se a chuva está caindo no mar. Dobrada é vista no fundo, quando se move debaixo da água vemos a cor brilhante que elas têm. Já nos meses mais quentes, quando tinha atum era fácil de vê-los, porque sempre seguiam outros peixes, as vezes esses peixes ficam a nadar rápido e a saltar, ficam na bridadeira, mas assim encontramos atum, também quando tem golfinhos, eles estão sempre atrás do atum, onde tem golfinhos de certeza tem atum.”

(Pescador de Rincão)

No que concerne a sazonalidade, os pescadores diferenciam as épocas de diferentes pescarias, sendo identificadas pescarias de época quente que decorre entre os meses de Junho à Outubro aproximadamente, de época de frio ou seja quando o tempo esta mais fresco entre os meses de Novembro à Abril, aproximadamente e ainda identificam pescarias ao longo do ano ou seja aquelas que podem ser capturados em qualquer época. Desse modo, em relação à sazonalidade da captura dos peixes, determina duas épocas específicas, a época quente e a época fresca. A sazonalidade interfere tanto nas actividades de pesca em si, como também na abundância, variedade das espécies, e zona de pesca

Segundo os pescadores artesanais é na época de verão que se tem maior volume de captura, com picos nos meses de Junho, Julho e Agosto. Neste período, segundo os mesmos, é a época de “tempo bom”, calmo e quente, que permita mais segurança na faina com embarcações pequenas, além de ser época de desova de muitas espécies, época das chuvas, consequentemente, há mais peixes e é também o período que aparece o atum. Época conhecida entre os pescadores de São Pedro, como de época de esperança dos pescadores. Porém, os pescadores dizem que estão a notar uma tendência de aumento das capturas em Janeiro e Fevereiro, provavelmente devido a mudança da temperatura e do clima nesses meses, que antes eram considerados frescos e, actualmente, faz calor.

Ainda verifica-se que o conhecimento dos pescadores sobre a sazonalidade das espécies dá também através dos conhecimentos do ciclo lunar e das marés. Segundo os mesmos existem espécies que são capturadas somente e/ou em abundância com as fases da lua, como por exemplo durante lua cheia capturam o pampo (*Plectorhinchus mediterraneus*), com a oscilação da maré as capturas também variam, como por exemplo, na maré baixa capturam

a moreia (Murenidae). Em Cabo Verde a pesca artesanal é responsável por uma boa parte das capturas verificadas, e estes concentram nos tunídeos, pequenos pelágicos, demersais e alguns crustáceos e moluscos. A nível nacional, os maiores desembarques na pescaria artesanal, registam-se em Santiago, Santo Antão e São Vicente. Nos dados recolhidos nos inquéritos, mostram que as espécies mais capturadas em todos os sítios de pesquisa são a cavala, a dobrada, o atum, a cachorrinha, o sargo, o plombeta, a garoupa, o búzio, as lagostas, a bica, o salmonete, o djeu ou serra, a fanhama, etc. Abaixo, uma tabela das espécies capturadas por sítios de pesquisa.

Tabela 11 – Espécies mais capturadas nos sítios de pesquisa

Espécies mais capturadas		Sítios de pesquisa		
Nome local	Nome científico	Palmeira	Rincão	São Pedro
Cavala	<i>Decapterus macarellus</i>	36,6%	40%	65,4%
Dobrada	<i>Spicara melanurus</i>	41,5%	16,7%	23,1%
Moreia	MURENIDEA	7,3%	46,7%	23,1%
Cachorrinha	<i>Auxis ssp.</i>	14,8%	0%	34,6%
Bonito	<i>Caranx crysos</i>	24,4%	10%	7,7%
Djéu	<i>Acanthocybium solandri</i>	9,8%	16,7%	11,5%
Lagosta	PALINURIDAE	4,9%	0%	3,8%
Salmonete	<i>Pseudupeneus prayensis</i>	9,8%	0%	11,5%
Garoupa	<i>Cephalopholis taeniops</i>	26,8%	66,7%	30,8%
Búzio	<i>Stronbus latus</i>	7,3%	0%	7,7%
Sargo	<i>Lithognathus mormyrus</i>	29,3%	3,3%	19,2%
Atum	<i>Thunnus ssp.</i>	22,0%	40%	34,5%
Plombeta	CARANGIDAE	26,8%	6,7%	11,5%
Chicharro	<i>Selar crumenophthalmus</i>	26,8%	43,3%	50%
Fanhama	<i>Spondyliosoma cantharus</i>	4,9%	4,0%	0%
Bica	<i>Lethrinus atlanticus</i>	24,4	13,3%	0%

Observa-se que as comunidades piscatórias diferenciam-se um pouco quando as espécies mais capturadas, devendo isso provavelmente as condições da prática da actividade de pesca, relativamente a frota existente, os recursos disponíveis, entre outros.

O volume de peixe capturado depende da época e das espécies. Segundo os dados apurados dos questionários, a quantidade média das capturas por saída varia entre os 10 kg à mais de 130 kg.

Assim como em todas as comunidades piscatórias do país, nos sítios em estudo, o pescado destina-se quase que exclusivamente para a venda fresco nos mercados municipais e conserveira, no caso de São Pedro. Apenas na comunidade piscatória de Palmeira apontaram a exportação, concentrando, provavelmente na lagosta rosa (*Palinurus charlestoni*) fresca que é exportada para Europa.

Em caso de existir excedentes de produção, normalmente, o peixe é conservado em gelo ou por vezes é salgado. No entanto, observa-se nas comunidades muitas dificuldades na conservação, devido a falta de estrutura funcionais e dificuldades de aquisição do gelo. Na comunidade piscatória de São Pedro o pescado é conservado quase que unicamente no gelo, enquanto que nas outras comunidades em estudo verifica-se também a utilização do sal.

Quando nas comunidades há excedente e não tem forma de conservação do pescado optam por vende-lo a um preço mais baixo, ou fazem distribuição gratuita pela comunidade. Em algumas vezes pode acontecer que não conseguem nenhum tipo de conservação o que provoca deterioração do pescado e logo prejuízo para a comunidade.

5.2.6 Conhecimento de Parâmetros Climáticos

Quanto mais simples forem as sociedades de economia de subsistência, ligadas às actividades de extracção, como a agricultura e pesca, mais clara é a sua relação com o meio ambiente e com o ecossistema, pois estas garantem a sobrevivência alimentar. Nessas sociedades desenvolvem conhecimentos, elaborados a partir dos parâmetros físicos e climáticos que vivem quotidianamente e necessários para sua sobrevivência e interacção com os recursos naturais.

Através da experiência, da observação dos fenómenos naturais, especificamente os climáticos, os pescadores artesanais constroem um conjunto de saberes sobre as condições climáticas, que por sua vez, tornam-se um forte subsídio para a actividade da pesca.

Mesmo sabendo que existem meios científicos e informações comprovadas acerca do tempo, como por exemplo as informações sobre o estado do tempo disponibilizado pelo serviço de meteorologia, os pescadores não deixam suas praticas de fazer previsões do tempo da forma como eles aprenderam dos mais velhos, antes da saída ao mar. Logicamente, eles não conseguem explicar, por exemplo, dentro dos parâmetros científicos porque é que uma cor diferente das nuvens, um certo tipo de vento levam a uma condição de tempo específico, mas conseguem fazer previsões que normalmente se confirmam com a realidade.

Dados das entrevistas recolhidos dos questionários, sem dúvidas deixam transparecer que os pescadores têm conhecimentos do tempo para fazerem da sua profissão relativamente segura. Questionados se preocupam com o estado de tempo para a saída à faina, a maioria dos entrevistados responderam positivamente. Observa-se que 59,8% dos inquiridos utilizam as técnicas tradicionais para terem informações do tempo, e outros disseram que tentam escutar o tempo através das informações transmitidas pela rádio mas que também têm as suas formas naturais e tradicionais de obter essas informações. Dos que dizem utilizar técnicas tradicionais, baseiam na observação do vento, das nuvens, das estrelas, dos movimentos das águas do mar e das fases da lua. Essas técnicas constituem segredos ou habilidades apreendidas dos mais velhos ou do acumulo dos anos dedicados a pratica de pesca.

A observação das nuvens, possibilita analisar a sua textura e a coloração, bem como a velocidade de deslocação permite ao pescador ter uma ideia do estado do tempo que pode surgir e/ou esperado, como explica um pescador:

“ ... Nuvens indicam sim, o tempo que terá no dia seguinte, se no final do dia começarem a ficar como escamas de peixes, o pescador já sabe o que significa, quer dizer que vai ter bom tempo, então ali já podemos ir pescar sem problemas, mas pode ocorrer que essas nuvens mudam, se tiver vento e começar a ver que o mar também começa a agitar então não e tempo bom... e nuvens quando estão escuras e carregadas já se sabe é chuva,

mais isso acontece nos tempos de chuva, assim pescadores tem que prevenir, não ir muito longe, avisar os companheiro, que estão saindo, para que todos fiquem alertas, mas graças a Deus nunca aconteceu nada de grave”

(Pescador de Rincão)

Muito se fala sobre a influência da lua e das marés na produtividade da pesca. Actualmente tem-se conhecimentos que são realmente fortes as influências da lua sobre a actividade da pesca. Tal facto foi explicado com simplicidade e clareza pelo pescador artesanal. Estes utilizam muito o ciclo lunar para estabelecer princípios de interpretação do tempo e orientação para sua vida no mar. Assim a maioria dos pescadores inquiridos ou entrevistados preferem observar a lua porque conhecem bem as suas fases que, para eles é muito mais fácil e compreensivo.

“...Qualquer pescador sabe ver o tempo através da lua. Pescadores contam a lua durante todo ano, a partir do seu surgimento, começamos a contar, todos os quartos da lua, lua cheia, nova, assim conseguem ver qual tipo de maré, qual tipo de vento, se vamos encontrar corrente de agua branda ou má. Quando a lua começa a sair normalmente é maré alta, neste momento o mar esta sempre agitado com muitas vagas, e depois que a lua subir mais para céu o mar vai acalmando, tornando mansinho.”

(Pescador de São Pedro)

“...Embora muitos não acreditam, mas o pescador controla o tempo é só atreves de lua, é conhecimento que vem de vários anos, ensinados pelos nossos antigos. Contagem de lua é mais vinte e quatro horas, mas conta-se pelos quadrantes, quando se vê lua no céu redonda e clara, é lua cheia, temos maré alta e corrente ficam mais forte, mas já quando a lua começa e entrar em fases quadrantes mar fica mais calmo já a corrente tem menos força, então tem mais peixes, conseguimos pescar mais.”

(Pescador de Palmeira)

A leitura desses extractos de entrevista equipara o conhecimento do pescador com o científico, pois existe uma estreita relação das fases da lua com as marés. Nas marés baixas ou “mortas”, como são chamadas pelos pescadores, a correnteza é menor, facilitando o posicionamento dos iscos onde se desejam. Ainda, nestas marés, as espécies têm uma área menor a circular na busca de alimentação, já que tem um volume de água menor nas áreas de pesca. Em verdade, seguindo estas considerações, pode-se dizer que nas marés mortas, a produtividade da pesca tende a aumentar.

A pesca artesanal, mais propriamente, a pescaria das espécies pelágicas, depende grandemente do ciclo lunar. Na lua nova, existe uma falta de luminosidade que faz com que as espécies sejam mais facilmente detectadas, o que implica uma larga captura. A medida que lua vai crescendo a luminosidade aumenta, o esforço pesca diminui, conseqüentemente, menores capturas. Já na lua cheia a luminosidade é intensa e devido ao espectro lunar, torna difícil detectar o cardume e, conseqüentemente, reduz o esforço de pesca. Enquanto que, na lua minguante as capturas começam a aumentar, uma vez que a luminosidade começa a diminuir.

Dependendo da direcção dos ventos, os pescadores prevêm o tempo que se vai fazer no próximo dia. Essa leitura dos ventos faz-se pela posição do mesmo. Para os pescadores, os ventos do norte são bons ventos, se a velocidade não for muita elevada. Mas caso estes, soprarem com alguma intensidade, de manha, é sinal de mau tempo ao longo do dia. Dizem que, quando de manhã, sentem o vento que sopra de terra para o mar, é sinal de mau tempo, pois o mar fica agitado e ao longo do dia o vento vai aumentando a sua intensidade.

Os pescadores de São Pedro dizem que no mês de Setembro tem sempre um vento que vem do Sul, que é um vento muito forte, e sendo assim os pescadores não saem ao mar ou então, fazem pesca mais perto possível da costa. No entanto nas outras comunidades em estudos os ventos do Sul sopram mais nos meses de Janeiro à Março, fazendo com que os pescadores tenham dificuldade no exercício da sua actividade.

Uma outra forma de prever o tempo, passa pelo conhecimento dos significados das cores que o céu apresenta. Segundo os pescadores entrevistados, quando o céu apresenta a cor azul-escuro, significa que vai ter muito vento, mas se o céu tiver claro e brilhante é sinal de bom tempo e boas pescarias. Ainda, se a cor do céu for avermelhado ao pôr-do-sol é bom tempo no dia seguinte, mas se for amarelo ou laranja geralmente é sinal de vento no dia seguinte.

Quanto à previsão do tempo através dos astros somente foi referido na comunidade de São Pedro. Os pescadores desse sítio de pesquisa, dizem que existe um conjunto de estrelas chamadas de “carreira de Santiago” que tem a mesma posição no céu, e sempre que muda de posição é previsão de mau tempo.

Em suma, a conjugação de todas as informações tradicionais seja através da intensidade do sopro do vento, da presença da bruma seca, da agitação das ondas, das nuvens, das fases lunares, das estrelas, etc., constituem um conhecimento meteorológico tradicional de extrema importância na vida do pescador. Apesar dos avanços tecnológicos de previsão e divulgação do estado do tempo, esses conhecimentos ainda, são preservados e transmitidos para todos que querem fazer da pesca sua actividade profissional.

Dos dados retirados do inquérito, constata-se da tabela abaixo, que a maioria dos pescadores observam a água do mar ou seja analisam as correntes marítimas se estão calmas ou agitadas, para decidirem se vão ao mar. Observa-se que um número significativo dos inquiridos prevêem o tempo através das experiências adquirida durante os anos de pesca, cerca de 48,0% das respostas validas, 37,3% dizem observar a lua, 7,0% dizem observar o mar e 2,9% não responderam.

Tabela 12 – Métodos previsão/ estado do tempo

Métodos previsão do tempo	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
Através da lua	15,2%	11,7%	10,4%	37,3%
Observa água do mar	2,9%	2,2%	1,9%	7,0%
Através ano experiencia	19,7%	15,2%	13,1%	48,0%
ns/nr	1,2%	0,9%	0,8%	2,9%
Total	39,0%	30,0%	26,0%	95,2%

5.2.7 Os Mitos e Rituais na Pesca Artesanal

As gerações de pescadores artesanais têm visto na pesca o seu sustendo e o das suas famílias. A vasta experiência nos mares tem lhes fornecido conhecimentos e dados empíricos sobre a ecologia das espécies, o funcionamento dos ecossistemas, do tempo, etc. Para as populações tradicionais que exploram o meio marinho, o mar tem suas marcas, representações, símbolos, que constituem crenças e mitos que as próprias populações constroem a volta dos recursos.

Neste estudo, é necessário deixar claro, que o mito é considerado como uma narrativa de carácter simbólica, relacionada a uma dada cultura, e que procura explicar a realidade, os principais acontecimentos na vida, os fenómenos naturais, etc. Nesta tentativa de conceituar o mito, de realçar que o mesmo não tem a conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mentira, mas é o relato de um acontecimento ocorrido no tempo antigo, é o relato de uma história verdadeira, quando tem interferência de fenómenos que se relaciona com um comportamento humano, uma espécie animal ou vegetal, etc.

Os dados recolhidos dos sítios de pesquisa, permitem afirmar que os mitos e ou rituais que possam existir são de cariz religiosas. Para provar essa afirmação, foi feito o cruzamento das três variáveis (ritual antes saída ao mar, espécies simbólicas e rituais no regresso do mar), com as informações recolhidas da análise das entrevistas de grupos.

De forma geral, em Cabo Verde a maioria da população declara ser católica, ou simplesmente acredita em Deus. Para os pescadores dos sítios inquiridos não é diferente. Conforme as respostas de mais de 74% dos inquiridos, assim que colocam os pés dentro da embarcação, benzem e pedem protecção à Deus para lhes acompanhar na faina da pesca, dando protecção, segurança e também que lhes dêem boa pescaria. Para 47,4 % do total dos inquiridos basta benzerem fazendo o sinal da cruz, para se sentirem protegidos, enquanto que 12,4% dos inquiridos pedem protecção à Deus para lhes dar boa pescaria. Na mesma proporção, ou seja 12,4% também dizem fazer uma reza ou oração, 2,1% dizem que é necessária uma concentração física e psicológica. Os restantes, ou seja, 25,8% dos inquiridos não responderam a questão.

A tabela abaixo, indica o cruzamento das variáveis reza ou rituais praticadas antes da pescaria com sítio pesquisa. Da análise da tabela, observa-se que são os pescadores da comunidade de Palmeira que mais benzem antes de sair para a pesca, correspondendo à 26,8% dos inquiridos, seguido da comunidade de Rincão com 13,4%. Os pescadores da comunidade de São Pedro são os que menos praticam rituais religiosos, observa-se que 10,3% dos inquiridos nesta localidade não responderam.

Tabela 13 – Cruzamento das variáveis reza / ritual antes da pescaria com os sítios pesquisa

Reza / ritual antes da pescaria	Sítios de pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
Benzer	26.8%	13.4%	7.2%	47.4%
Pede protecção a Deus p/ boa pesca	1.0%	6.2%	5.2%	12.4%
Reza/oração	3.1%	6.2%	3.1%	12.4%
Concentração física/psicológica	1.0%	0%	1.0%	2.1%
Não responde	10.3%	5.2%	10.3%	25.8%
Total	42.3%	30.9%	26.8%	100%

Das entrevistas de *focus groups* conseguiu-se perceber que na comunidade de São Pedro, antigamente havia outro ritual antes de sair para faina. Consistia em bater com um pau nos lados da embarcação com o intuito de fazer “acordar a embarcação” e afugentar qualquer mal agoiro da mesma.

Também tornou-se pertinente para o estudo conhecer se existe algum ritual ou pratica aquando do regresso da faixa. Assim dos dados recolhidos observa-se que a maioria ou seja 66% do total dos inquiridos dizem que agradecem à Deus pela pesca e pela segurança, 9.3% voltam a benzer e 24,7% não responderam a questão. A comunidade da Palmeira tem maior percentagem de inquiridos que dizem agradecer à Deus, correspondendo a 28.9% dos inquiridos da comunidade, seguidos da comunidade de Rincão com 21,6% e São Pedro com 15,5%.

Questionou ainda, se durante a faina também existe algum tipo de mito ou ritual ligado a captura das espécies, responderam que conseguem localizar cardumes se seguirem certas aves marinhas como a cagarra e alcatraz, e também certas espécies como o golfinho, tuninhas e pequenos peixes. Conforme a tabela abaixo, pode observar que mais de 56% dos inquiridos dizem que conseguem localizar um cardume seguindo aves marinhas, em que 37,1% dizem ser guiado por cagarras e 21,6% do total dos inquiridos dizem ser guiados pelo alcatraz. Durante as sessões de *focus groups* houve varias reacções a esse facto. Muitos confirmam que as aves marinhas os conduzem de facto aos locais de abundância de espécies, chegando mesmo a caracteriza-las como amigas e companheiras de pescadores na faina da pesca. Outros pescadores não mostraram concordância com este fenómeno, pois dizem que as aves marinhas são enganadoras e muitas vezes dificultam o trabalho do pescador.

Também ficou-se a saber que o grupo de pescadores estudado possui diversos saberes sobre a natureza; saberes esses que foram construídos ao longo de várias gerações, através da observação e do quotidiano na actividade pesqueira.

Tabela 14 – Cruzamento das espécies peixe/ave simbólico com os sítios de pesquisa

Espécie peixe/ave simbólico	Sitio pesquisa			Total
	Palmeira	Rincão	São Pedro	
Cagarra	17.5%	12.4%	7.2%	37.1%
Tuninha e golfinhos	10.3%	0%	0%	10.3%
Peixes pequenos	1.0%	1.0%	1.0%	3.1%
Alcatraz	4.1%	8.2%	9.3%	21.6%
Não sabe/Não responde	9.3%	9.3%	9.3%	27.8%
Total	42.3%	30.9%	26.8%	100.0%

5.2.8 Percepção das Mudanças Climáticas

O IPCC – Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas em 2007, declarou que o acelerado aquecimento global tem proporcionado impactos sobre os oceanos, ameaçando tanto a vida marinha como às populações que habitam as regiões costeiras, especificamente, as comunidades piscatórias. Assim, torna-se necessário e pertinente conhecer as percepções que os pescadores artesanais possuem acerca das mudanças climáticas e as formas tradicionais de agir perante à problemática.

O aumento da temperatura e do nível da água do mar, traz sérias implicações às espécies marinhas. Quase todas as espécies marinhas, não conseguem variar a temperatura de seus corpos e os seus comportamentos dependem muito das condições climáticas e ambientais. Sendo assim, qualquer alteração na temperatura do habitat acaba afectando o metabolismo, o crescimento, a reprodução e faz com que essas espécies estejam mais sensíveis às toxinas e doenças. Diante desse quadro, são inegáveis os reflexos das alterações climáticas sobre o sector das pescas.

Evidentemente que, alterações no ecossistema, não passam despercebidas entre os pescadores, principalmente, porque afectam directamente as espécies de captura. Praticamente, todos os pescadores dos sítios de pesquisa, têm conhecimento ou já ouviram

falar das mudanças climáticas. Eles estão cientes de que muitas coisas mudaram nos ecossistemas marinhos e no ambiente em geral. Durante as sessões de *focus grupos*, verificou-se uma certa curiosidade em saber o que são alterações climáticas, pois, os meios de comunicação têm falado muito da problemática, associada sempre às catástrofes que se tem verificado mundialmente.

Assim sendo, questionados sobre as mudanças climáticas, muitos dizem que o clima mudou e está a afectar, de que maneira, a pesca na sua região. Muitos tentam compreender por si só, o porquê dessas mudanças, mostrando que a percepção que possuem sobre os fenómenos climáticos, é evidente. Eles referenciam algumas mudanças que ocorrem nos factores climáticos, designadamente mudança no período de chuva, da temperatura, dos ventos, etc. São unânimes em dizer que as mudanças nos períodos de chuva, são claras consequências das alterações climáticas. Não compreendem o porquê dos meses que choviam muito, já não chove ou chove muito pouco. Agora as chuvas ocorrem em períodos que não eram esperados e com forte intensidade.

Têm a mesma percepção da temperatura. Fazem referência aos períodos elevados da temperatura em épocas em que o tempo deveria ser mais frescos, e dizem que as épocas de tempo quente são mais prolongadas. Os pescadores dizem que várias vezes são surpreendidos por mudança de tempo, pois fazem as suas previsões baseadas nas técnicas tradicionais e de repente o tempo muda, alterando os ventos, as marés, pondo em causa a actividade da pesca. Um entrevistado do sítio de pesquisa de São Pedro, tentou explicar a mudança de clima com a captura da seguinte forma:

“...Na comunidade as pessoas comentam as disparidades do clima e percebem às mudanças. Actualmente têm notado o mar mais agressivo, rajadas de vento muito fortes, os meses considerados frios e com ventania (Dezembro, Janeiro, Fevereiro) estão mais quentes e com menos vento, ou seja aumento da temperatura do ar, água do mar mais quente, a maresia que era um fenómeno sentido após o mês de Março, este ano chegou mais cedo (em Fevereiro) e muita agressiva.”

(Pescador de São Pedro)

Em outras entrevistas, feitas na comunidade de Palmeira, deixam transparecer que os mesmos sentem e observam alterações no tempo, mas estes concentram em conhecer o porquê, dessas alterações, como pode-se ver no extracto que se segue:

“...tempo agora é mesmo diferente, a começar pelas marés, antes conseguíamos controlar a maré, sabíamos para que lado ia a maré e fazíamos boas pescarias, agora não! Agora vemos como esta a maré, saímos ao mar, de repente tudo muda, tem mês que a corrente é só em direcção do Sul, as vezes dificulta a pesca (...) outra coisa que estamos a ver é mudança de tempo frio para quente nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, antes era só vento e frio nesses meses, agora esta quente, mas queremos saber é porquê, porquê dessas mudanças, qual o motivo?”

(Pescador de Palmeira)

Têm ainda, percepção que há alterações a nível do ecossistema. Dizem que, actualmente, existem várias zonas secas e solos degradados, principalmente nas zonas vizinhas onde se praticam a pequena agricultura. Em Rincão o problema de apanha de areia foi citado como mais grave. Têm consciência que a degradação da praia através da apanha da areia pode provocar a aceleração do avanço do mar. Esse avanço pode trazer consequências graves para a pesca e agricultura consideradas actividades alternativas na região. Além disso, é proibido por lei a apanha de areia nas praias.



Figura 11 – Praia praticamente sem areia devido extracção em Rincão, ilha de Santiago CaboVerde. Fotos: E. Cruz

Segundo as conclusões dos pescadores a subida do nível das águas do mar, já é visível e constitui um problema grave para as comunidades piscatórias. Em semelhança a todas as comunidades piscatórias do país, nos sítios em estudo as habitações e outras infra-

estruturas estão muito próximas da costa, e em dias que o mar está agitado as ondas conseguem atingi-las.

Outro aspecto abordado durante as entrevistas está na percepção dos pescadores quanto à diminuição dos peixes nas capturas nos últimos tempos, em que 84% dos entrevistados responderam haver uma redução significativa de espécies mais exploradas comercialmente, como por exemplo a bicuda (*Sphyraena*), o badejo (*Mycteroperca*), o voador (*Cheilopogon*) e o merote (*Spinephelus*). Todos estão consciente que as quantidades de peixes diminuíram, certas espécies desapareceram das capturas e uma menor frequência e/ou diminuição de algumas espécies sazonais.

Observam que algumas espécies que eram consideradas abundantes, actualmente, são raras e outras que foram raras ou que não estavam perto das costas, agora, tornaram-se abundantes e perto da costa, particularmente, no caso do voador. Anos atrás, conforme os pescadores de São Pedro, na década de 90, no início de cada ano, pescava-se muitos voadores, actualmente, quase que não aparecem nas capturas. No entanto em Rincão não se pescava voador, pois era uma espécie muito rara. Actualmente há muita captura dessa espécie.

A captura das espécies migratórias, também tornou-se cada vez mais complexa, fugindo do controlo dos pescadores. Com isso quer dizer que onde se pescavam as espécies migratórias agora não é possível, conseqüentemente, o pescador terá que ir mais longe à procura dessas espécies.

Mesmo não tendo conhecimento sobre o fenómeno das mudanças climáticas, tem percepção do mesmo e muitos mostraram preocupados com os sismos e ou outras manifestações naturais que acontecem no mundo, temem por Cabo Verde ser um país rodeado de mar, onde a maioria das pessoas vivem perto das orlas marinhas e também por possuir algumas ilhas planas com infra-estruturas importantes, como por exemplo aeroportos, hotéis, comércio, etc., perto do mar.

Alegam falta de informações precisas sobre os possíveis danos que a pesca e as suas localidades podem sofrer com a evolução do tempo, dado que a população é constituída na maioria por pescadores chefes de famílias e onde a pesca é quase que a única fonte de rendimento.

6. CONCLUSÕES

A prática da actividade da pesca é fruto da convivência das pessoas umas com as outras. Quer dizer, nesse convívio o saber flui pela atitude de quem sabe e faz para quem não sabe e aprende. É através da observação que boa parte dos pescadores começaram a se apropriar dos conhecimentos da pesca, e esse processo de aprendizagem se desenvolveu de forma informal, ou seja, da experiência dos mais velhos transmitida na prática aos mais novos que almejem ser pescadores.

O trabalho no mar confere uma identidade singular ao sujeito pescador, que o diferencia daqueles que trabalham ligados à terra. De tal modo que as condições de trabalho expressam nos modos de pensar, de vivências, de crenças e nos conhecimentos sobre os ecossistemas e do ambiente marinho.

A pesca artesanal é uma actividade de grande tradição em todas as ilhas e é considerada um sector importante para o desenvolvimento sócio económico, pois tem contribuído grandemente para o crescimento da economia, da segurança alimentar, através do fornecimento de proteínas animal para as populações e criação de empregos.

A actividade da pesca desenvolvida nas comunidades em estudo é puramente artesanal, praticada por pescadores, onde os problemas sociais como o desemprego e a baixa escolaridade são evidentes, tendo na pesca a única forma de se adquirir alimento e alguma remuneração para sustentar a família.

É uma actividade em que os seus actores, começam a se interessar pela pesca bastante cedo, muitas vezes com idade igual ou inferior a 10 anos. Observam e acompanham os mais velhos em todas as etapas da pesca. Nos sítios de pesquisa em estudo, os actores da pesca artesanal consideram que o facto de trabalharem neste sector deve-se principalmente a tradição familiar, a convivência com outros pescadores e a falta de opção de emprego nas comunidades em que estão inseridos ou que os rodeiam.

Os resultados dos dados apurados, permite traçar o perfil dos pescadores, que na sua maioria jovens, com a média de idade situada na faixa etária de 27 a 37 anos, embora também

observa-se um percentagem considerável de pescadores com idade mais de 60 anos. É de realçar que a comunidade de São Pedro é a que apresenta uma fatia maior de jovens que possuem um maior grau de escolaridade em comparação aos outros sítios, nomeadamente Rincão e Palmeira. Possuem famílias numerosas em média situada entre cinco a nove pessoas e possuem um baixo nível de instrução com predominância de actores com mínimo de sexta classe de escolaridade.

São extensos os conhecimentos sobre o meio ambiente, as condições da maré, os tipos de ambientes propícios à vida de certas espécies de peixes, o manobramento dos instrumentos de pesca, identificação dos bancos pesqueiros, o habitat, o comportamento e a classificação das espécies, que constituem saberes fundamentais para ser pescador, principalmente para os artesanais. Esses conhecimentos resultam de muitos anos de experiência e da aprendizagem constante dos diversos saberes sobre o mar, construídos ao longo de várias gerações, através da observação e da prática quotidiana da actividade pesqueira.

Pode-se afirmar que o pescador antes da faina, faz uma predefinição da pescaria e da zona de pesca, relativamente ao tipo de espécies alvo. Utilizando técnicas artesanais, saem em pequenas embarcações de boca aberta para pesca não muito longe da costa. As zonas de pesca são identificadas por um conjunto de marcas designadamente, a distância percorrida, as pontas das rochas e dos rochedos, o seguimento de espécies marinhas e de aves, ou simplesmente pela intuição do pescador.

Assim, percebe-se também, que o pescador tem um conhecimento detalhado da ecologia dos peixes, demonstrando saberes sobre o habitat, reprodução, abundância, sazonalidade, entre outros. Os pescadores dos sítios de pesquisa, sabem que para capturar espécies do grupo dos demersais ou peixes de fundo como é localmente chamado, têm que deslocar perto das rochas, utilizar linha de mão e o isco adequado a estas espécies. É assim, o procedimento para cada pescaria.

Entre as variedades de espécies capturadas nas comunidades em estudo, destacam-se a pesca da cavala preta (*Decapterus macarellus*), espécie mais capturada nos locais de pesquisa e no país em geral. Tanto os pescadores como os outros membros da comunidade

têm um conhecimento particularizado dessa espécie, assumindo um valor socioeconómico e cultural. Mais uma vez destaca-se que esses conhecimentos são resultados de uma intensa e obstinada observação do comportamento da natureza que os rodeia.

Outro facto que desperta atenção, no presente estudo dos saberes sobre a actividade da pesca artesanal, é o conhecimento do tempo. Trata-se de um factor determinante para prática da actividade pesqueira, pois intervém sobre medida no êxito da actividade. Apesar de existir um serviço disponível para oferecer toda informação meteorológica, os pescadores dos sítios de pesquisa não deixam de utilizar as suas técnicas tradicionais de previsão do tempo. Baseadas em leituras tradicionais dos astros, dos formatos e cores das nuvens, da direcção vento, do ciclo lunar, das vagas e das correntes, que actuam de forma conjunta, dando ao pescador a previsão do tempo.

A prática da actividade da pesca artesanal é uma das mais antigas actividades económicas desenvolvidas em áreas costeiras. Em Cabo Verde, assim como no resto do mundo, tende à sofrer sérias modificações devido as alterações climáticas, comprometendo de certa forma o desenvolvimento socioeconómico das comunidades caso não houver medidas de adaptação. Nesse sentido e da posse dos dados analisados pode-se ressaltar que é visível a preocupação dos pescadores dos sítios em estudo quanto às alterações climáticas. Acreditam que, possivelmente, as alterações climáticas são responsáveis pela diminuição das espécies nas zonas de pesca, das mudanças nas épocas das chuvas, da diminuição das capturas, principalmente as espécies migratórias e no desaparecimento de algumas espécies como, por exemplo, bicuda, badejo, voador e merote.

Importa aqui realçar que a prática na actividade da pesca, é um aprendizado baseado nas técnicas de oralidade e observação, diferentemente do pensamento científico, que utiliza primordialmente a linguagem escrita. No pensamento científico utilizam-se factos escritos para comprovar a aprendizagem, enquanto que, na pesca artesanal essa comprovação se dá através da prática, ou seja, no trabalho diário do pescador.

Existe ainda, uma certa compatibilidade entre os conhecimentos locais e os da literatura científica, relativamente ao conhecimento do tempo, das espécies (habitat, reprodução, etc.), do ecossistema, embora a forma de expressá-los seja diferente.

A sistematização desses conhecimentos locais mostra que é viável e recomendável a inclusão de aspectos dos saberes endógenos dos pescadores artesanais, com pesquisas científicas, nas políticas, planos e estratégias de gestão da pesca artesanal.

7. RECOMENDAÇÕES

Actualização e melhoramento das embarcações artesanais, apetrechando-as com equipamentos que lhes permitem ir mais longe em segurança

Promover sistema de micro crédito que permite ao operadores melhorar a actividade de pesca

Formação e capacitação dos operadores das pescas em diversas áreas de navegação, segurança no mar, gestão de negócios e empreendedorismo, etc.

Sensibilização e informação para as questões ambientais e das mudanças climáticas

Maior fiscalização

Melhoramento das infra-estruturas de pesca existentes nas comunidades

Sensibilização para uma pesca responsável e sustentável

Reforçar a capacidade associativa

Integrar os saberes locais nos sistemas de planificação e gestão das pescas

Estender o estudo dos saberes endógenos à outras comunidades piscatórias do país

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bravo de Laguna, 1985. Plataformas insulares e ZEE da Republica de Cabo Verde, FAO.

Barreto, A., 1985. Sociedade de comercialização e apoio à pesca artesanal (SCAPA), breve caracterização. Em Reflexões sobre a pesca artesanal em Cabo Verde. Secretaria de Estado das Pescas, 1985.

DGP, 2005. Legislação Pesqueira 2005. Vol I. Direcção Geral das Pescas. Ministério do Ambiente, Desenvolvimento Rural e Recursos Marinhos, 2005.

ENVOLVERDE, 2008. FAO - adverte impactos das mudanças climáticas sobre a pesca. Envolverde, Revistadigital, <http://envolverde.ig.com.br/?busca=FAO+adverte+impactos+das+mudan%EA7as+clim%E1ticas+sobre+a+pesca&x=14&y=11>

Gonzalez, J.A. & Tariche (editores), 2009. Um olhar sobre a biodiversidade marinha e bases para a sua gestão sustentável. Potenciais recursos pesqueiros de profundidade de Cabo Verde/ una mirada sobre la biodiversidad marina y bases para su gestión sostenible. Recursos pesqueros potenciales de profundidad de Cabo Verde. Presidencia del Gobierno de Canarias/Fundación Universitaria de Las Palmas. Las De Gran Canarias: 176 pp.

Hanek, G. (1985) Pesca artesanal – situação geral, pp.55-68, in: Secretaria de Estado das Pescas, Reflexões sobre a pesca em Cabo Verde, Praia,

INDP 2008. Boletim de Estatísticas da Pesca de Cabo Verde (2005-2008). Divisão de Estatísticas. Direcção de investigação Haliêutica. Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pesca.

INDP, 2000. Estudo do sector da pesca artesanal na ilha de Santiago. Documento 1: diagnóstico das comunidades, Dezembro de 1998 – Março 1999. INDP & GCP/CVI/033/NET, DPD/038-A, Março 2000.

INDP, 2000. Estudo do Sector da Pesca Artesanal na Ilha de Santiago, Diagnostico e Fichas de Projecto para as Comunidades, Novembro de 1999 a Abril de 2000, Mindelo,

INDP, 2000. Estudo do sector da pesca artesanal na ilha de São Vicente. Documento 1: diagnóstico das comunidades, Março-Abril de 2000. INDP & GCP/CVI/033/NET, versão preliminar, Maio de 2000.

INDP, 2000. Estudo do Sector da Pesca Artesanal na Ilha de São Vicente, Diagnostico e Fichas de Projecto para as Comunidades, Novembro de 1999 a Abril de 2000, Mindelo,

INDP, 2000. Estudo do Sector da Pesca Artesanal na Ilha do Sal, Diagnostico e Fichas de Projecto para as Comunidades, Novembro de 1999 a Abril de 2000, Mindelo,

INDP, 2000. Estudo do sector da pesca artesanal na ilha do Sal. Documento 1: diagnóstico das comunidades, Abril de 1999. INDP & GCP/CVI/033/NET, DPD/041-A, Abril de 2000.

INDP, 2001. Estudo do Impacto Socio-económico dos Projectos de Pesca Artesanal em Cabo Verde.

INDP, 2005. Recenseamento geral da frota de pesca. Divisão de Estatísticas. Direcção de investigação Haliêutica. Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pesca, 2008. Versão digital.

INDP 2008. Boletim de Estatísticas da Pesca de Cabo Verde, 2008. Divisão de Estatísticas. Direcção de investigação Haliêutica. Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pesca.

INE, 2002. Instituto Nacional da Estatística – Censo 2000, Praia, Julho de 2002

IPCC, 2007: Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, 2007. Mudança do clima: impactos, adaptação e vulnerabilidade. Tradução de Alexandre de Ávila Ribeiro. Sumário para os formuladores de políticas, Bruxelas, Bélgica. <http://www.ipcc.ch/pdf/reports-nonUN-translations/portuguese/ar4-wg3-spm.pdf>.

Monteiro, V. - Peixes de Cabo Verde, Ministério do Mar, Gabinete do Secretário de Estado da Cultura. M2- Artes Gráficas, Lda., Lisboa, 1998.

NAPA, 2007: Programa de Acção Nacional de Adaptação às mudanças Climáticas. Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. Convenção Quadro sobre as Mudanças Climáticas. Ministério do Ambiente e Agricultura. Cabo Verde, Novembro de 2007. 94p.

Nédélec, C., 1982. Definição e classificação das categorias de apetrechos de pesca. FAO Documento técnico de pesca nº 222/FIDI/FIIT/T222, Roma, 1982

PANA II, 2004: Plano de Acção Nacional para o Ambiente II 2004-2014. Direcção Geral do Ambiente. Ministério do Ambiente, Agricultura e Pesca. Fevereiro de 2004.

PGRP, 2003: Plano de Gestão dos Recursos da Pesca 2004-2014. Gabinete de Estudos e Planeamento. Ministério do Ambiente, Agricultura e Pesca. Setembro de 2003.

QUIBB-CV, 2007: Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-estar 2007. Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde. Praia, 16 de Junho 2008. 57p.

Reiner, F. 2005. Peixes do arquipélago de Cabo Verde. Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas. Mindelo, Cabo Verde. 2005.

Robalo, F., 1997. Dinâmica Social das Comunidades piscatórias Comunicação ao Simpósio – Realismo no desenvolvimento da pesca artesanal – Projecto de Cooperação Cabo-verdiano Alemã (Fopesca) de 2 a 4 de Junho 1997, São Filipe, 1997

SANTOS, B. de Sousa, 1999. Um discurso sobre as ciências. 11ª ed. Porto: Ed. Afrontamento. 1999.

9. ANEXOS

A - Guião de entrevista

INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DAS PESCAS

PROJECTO – APPECCAO

ANÁLISE DAS PRATICAS E SABERES LOCAIS FACE AS MUDANÇAS CLIMATICAS

GUIÃO DE ENTREVISTA

1. Ter percepção que o clima esta a mudar?
2. Citar as origens das mudanças climáticas ocorridas na comunidade
3. Citar qual o maior risco que a comunidade pode sofrer com as alterações climáticas?
4. Citar possíveis soluções de prevenção e/ou de adaptação.
5. Fazer uma comparação do aspecto actual da comunidade com 10 anos anteriores
6. Descrever a actividade de pesca a 10 anos atrás e actualmente
7. A distância que percorre actualmente para alcançar os cardumes sofreu alguma alteração relativamente a anos atrás
8. Houve desaparecimento de alguma espécie que antigamente capturava?
9. Caso de diminuição/causa e consequência da diminuição da produtividade segundo a opinião dos pescadores.
10. Tem mudado alguma prática na actividade pesca devido a alterações climáticas
11. Ter percepção de problemas ambientais
12. Citar as práticas tradicionais que combate problemas ambientes
13. Houve mudança na qualidade de vida devido alterações climáticas

B - Questionários Práticas de Pesca

INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DAS PESCAS

Projecto APPECCAO – Analise das práticas e politicas de pescas, e saberes locais dos actores sobre as mudanças climáticas

Questionário

Nº DO QUESTIONÁRIO _____

Nome do Inquiridor: _____

Data: ___ / ___ / 2009

Localidade _____

INTRODUÇÃO

Estamos a desenvolver uma pesquisa sobre a análise das práticas e politicas de pesca dessa comunidade piscatória. Objectivamos recolher e no processo valorizar o conhecimento das práticas e politicas de pesca das comunidades. A sua participação neste inquérito é voluntária, mas de extrema importância. Suas respostas ajudar-nos-ão a analisar e a perceber as praticas e politicas de pesca na nossa comunidade. Esperamos que aceite participar neste inquérito pois, a sua opinião como a de outros pescadores que também vamos entrevistar é extremamente importante.

I – ASPECTOS DA PESCA PRATICADA

1. Que tipo pescaria pratica?

2. Disse que faz a pescaria (mencionar a pescaria), poderia nos explicar como é feito essa pescaria?

3. Qual tipo de embarcação que utiliza?

1. Bote c/motor interno ___ 2. Bote c/motor externo _____ 3. Outra qual _____

4. Quais os grupos de espécies que Sr. mais captura?

1. grandes pelágicos _____ 2. pequenos pelágicos _____

3. demersais _____ 4. mariscos e moluscos _____

5. Outro. Qual _____

5. Onde costuma ir pescar?

6. Tem muitos peixes neste local?

1. sim 2. não

7. Como é que o Sr. consegue localizar os peixes no local pesca?

8. Qual o período do ano é tem mais capturas?

9. Porque nessa época tem mais capturas?

10. Quanto tempo em média dura a pescaria ou faina?

11. Qual sua opinião sobre as infra-estruturas existente na comunidade?

12. Como faz o escoamento do seu produto?

13. Quando tem excedente o que costuma fazer?

14. Como é feito o processo de conservação de pescado?

II – ASPECTOS SOCIO-ECONOMICAS E CULTURAIS

15. Porque escolheu a actividade de pesca?

16. Há quanto anos exerce a actividade pesca?

17. Existe outros familiares seus envolvidos na actividade da pesca?

1.sim 2.não

18. Se sim, quem _____

19. O rendimento que advém da sua actividade pesqueira tem sido suficiente para o sustento da família?

1.sim 2.não

20. Qual seu rendimento mensal?

1.inferior a 20.000\$00

- 2.entre 20.000\$00 a 30.000\$00
- 2.entre 30.000\$00 a 40.000\$00
- 4.entre 40.000\$00 a 50.000\$00
- 5.superior a 50.000\$00

21. Para além da pesca exerce outra actividade geradora de rendimento?

- 1.sim
- 2.não

22. Se, sim qual actividade _____

23. Porque desenvolves uma outra actividade?

24. Em caso houver um catástrofe na pesca, qual seria a sua alternativa?

III – ASPECTOS MÍSTICOS E RITUAIS ASSOCIADOS AS PRATICAS DE PESCA

25. Preocupa-se em saber o estado do tempo antes de partir para a pesca?

- 1.sim
- 2.não

26. Se sim, que meios utiliza para obter essa informação?

- 1.Rádio
- 2. Televisão
- 3. Experiências pessoais ou tradicionais
- 4. Outra. Qual _____

27. Disse que utiliza experiências pessoais ou tradicionais, poderíamos nos explicar como faz?

28. Que métodos de previsão do tempo ou do estado das marés conhece?

29. Existe alguma reza ou ritual que o Sr. faz antes sair para pesca?

- 1.sim
- 2.não

30. Se sim, qual _____

31. Tem alguma espécie de peixe ou mesmo ave, que simboliza boa sorte ou má sorte na pescaria?

- 1.sim
- 2.não

32. Se sim. Qual _____

33. E quanto houver uma boa pescaria, existe alguma reza ou ritual de agradecimento?

- 1.sim
- 2.não

34. Se sim. Qual _____

IV – ASPECTOS DAS POLITICAS DE PESCA

35. Tem conhecimento da existência do Plano de Gestão das Pescas?

1.sim 2.não

36. Se sim, como tomou conhecimento?

1. Comunicação social
2. Conversa entre amigos/colegas
3. Através da associação dos pescadores
4. Outra. Qual _____

37. Quais as medidas de gestão que tem conhecimento?

Medidas de gestão	Conhece?	Concorda	Explique por quê?
Época de defeso da lagosta costeira	sim [] não []		
Época de defeso da lagosta de profundidade	sim [] não []		
Proibição de captura de lagosta ovadas	sim [] não []		
Proibição da captura de lagosta pequena	sim [] não []		
Proibição de comercialização de juvenis	sim [] não []		
Proibição de captura de tartarugas	sim [] não []		
Proibição de captura de baleias ou golfinhos	sim [] não []		
Proibição de uso de garrafas	sim [] não []		
Proibição de utilização de dragas	sim [] não []		
Época de defeso e tamanho mínimo da cavala	sim [] não []		
Proibição apanha de aves marinha (cagarra)	sim [] não []		
Reserva de 3 milhas interiores pesca artesanal	sim [] não []		

V – ASPECTOS IDENTIFICAÇÃO

38. Diga-me por favor, sua faixa etária?

1. 16 – 26 Anos
2. 27 – 37 Anos
3. 38 – 48 Anos
4. 49 – 59 Anos
5. Mais 60 Anos

39. Qual é sua profissão?

40. Local de residência

41. Qual é o seu estado civil?

- | | |
|---------------|--------------|
| 1.solteiro | 2. casado |
| 3.união facto | 4.divorciado |
| 5.separado | 6.viúvo |

42. Qual é o nível de ensino que você completou?

- 1.Nenhum 2.Pré escolar
3. Alfabetização 4. EBI
5. Secundário 6.outro.qual _____

43. Quantos filhos têm?

44. Qual é a dimensão do seu agregado familiar?

1. Menos de 3 pessoas 2. Entre 4 e 6 pessoas
3. Entre 7 e 9 pessoas 4. Mais de 9 pessoas

AGRADECER E TERMINAR

C – Questionário Dirigido as Vendedoras de Peixe

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AS VENDEDORAS DE PEIXE

Nº DE QUESTIONARIO _____

Nome do Inquiridor: _____

Data do inquérito: ___ / ___ / 2010

Local: _____

Introdução

A Equipa de pesquisa acção do projecto APPECCAO – Cabo Verde pretende recolher dados para uma pesquisa sobre a análise das práticas e políticas de pesca nas comunidades piscatórias. Visamos recolher o máximo de informações possíveis, e neste questionário a vossa participação é voluntaria mas de extrema importância. As vossas respostas vão nos ajudar a analisar e compreender as praticas e políticas de pesca na vossa comunidade.

Objectivo do inquérito: O objectivo deste inquérito é identificar as praticas de pesca, estudar a percepção e os conhecimentos dos pescadores em relação as mudanças climáticas.

Público-alvo: Vendedoras de pescado

III –CONTEXTO DAS PRÁTICAS DA ACTIVIADE

14. Onde você vende o pescado?

15. Quais são as espécies mais vendidas?

16. Tem desaparecido algumas espécies que costumava vender? Sim _____

Quais _____

17. Quando você tem excedentes de produto, o que você costuma fazer?

18. Como é feito o processo de conservação de pescado?

19. Com era feito a actividade de venda pescado há 20 anos atrás ?

20. Quais são as dificuldades que você enfrenta no desempenho da sua actividade ?

II – CONTEXTO SOCIO-ECONÓMICO E CULTURAL

45. Porque escolheu a actividade de venda pescado como sua profissão ?

46. Há quantos anos trabalha como vendedora pescado ?

47. Tem outros membros da sua família que trabalha na pesca?

Sim _____ Porque? _____

Não _____ Porque? _____

48. Os rendimentos provenientes da venda de pescado são suficientes para satisfazer as necessidades da tua família?

Sim _____ Porque? _____

Não _____ Porque? _____

49. Qual é teu rendimento mensal?

5.1. Menos de 20.000 \$ 00 _____

5.2. Entre \$ 20.000 00 a 30.000 \$ 00 _____

5.3. Entre \$ 30.000 00 a 40.000 \$ 00 _____

5.4. Entre \$ 40.000 00 a 50.000 \$ 00 ____

5.5. Mais de 50.000 \$ 00 ____

50. Exerce outra actividade para além da venda pescado?

Sim ____ Porque? _____

Não ____ Porque? _____

51. Se houver um catástrofe na pesca, qual seria a sua alternativa profissional?

III – IDENTIFICAÇÃO

52. Qual a sua idade?

6. 16 – 26 anos

7. 27 – 37 anos

8. 38 – 48 anos

9. 49 – 59 anos

10. Mais 60 anos

53. Local de residência.

54. Qual é o seu estado civil?

1. Solteira ____ 2. Casado ____

3. União de facto ____ 4. Divorciado ____

5. Separado ____ 6. Viúvo ____

55. Qual é o nível de educação que você completou?

1. Nenhum ____

2. Alfabetização ____ 3. Ensino primário (EBI) ____

4. Ensino Secundário ____ 5. Outro. Qual _____

56. Tem filhos?

Sim ____ Quantos ? _____

Não _____

57. Quantas pessoas constituem o seu agregado familiar?

1. Vivo só _____

2. Menos de 3 pessoas ____

3. Entre 3 e 6 pessoas ____

4. Entre 7 e 9 pessoas ____

5. Mais de 9 pessoas _____

Agradecer e Terminar
